

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

UAIQUIMY LARA GONÇALVES DA SILVA

**Formação Inicial de Professores de Educação Física: limites e possibilidades dos
saberes disciplinares na superação do currículo tradicional**



Porto Alegre
2023

UAIQUIMY LARA GONCALVES DA SILVA

Formação Inicial de Professores de Educação Física: limites e possibilidades dos saberes disciplinares na superação do currículo tradicional

Trabalho de conclusão de curso da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Roseli Belmonte Machado

Porto Alegre
2023

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais Rosi Gonçalves e Josué Leonardo que sempre estiveram ao meu lado em todos os momentos dando o seu melhor, ao meu irmão Iaggo Gonçalves por ajudar em minha criação e me proporcionar trocas tão significativas até hoje, ao meu marido João Sallim por sempre procurar me entender e me acolher nos momentos difíceis, aos familiares e amigos que entenderam minha ausência e por muitas vezes trouxeram leveza neste processo, aos professores que tive a honra de ter em todos âmbitos e aqui destaco os professores aos quais tive a oportunidade de ser monitora na graduação contribuindo para minha formação docente e também aos que me ajudaram na construção deste trabalho Dr. Alex Branco Fraga, Dra. Roseli Belmonte Machado e Dra. Elisangela Venâncio Ananias e a minha querida amiga Ana Paula Dahlke que sempre esteve à disposição para responder quaisquer de minhas dúvidas ingênuas e a todas as pessoas que passaram por mim e me agregaram nesta jornada de conhecimento.

É pelo meu futuro, pela próxima geração e por vocês. Gratidão

Ao contrário, as cem existem.

A criança
é feita de cem.
A criança tem
cem mãos
cem pensamentos
cem modos de pensar
de jogar e de falar.
Cem sempre cem
modos de escutar
as maravilhas de amar.
Cem alegrias
para cantar e compreender.
Cem mundos
para descobrir
Cem mundos
para inventar
Cem mundos
para sonhar.
A criança tem
cem linguagens
(e depois cem cem cem)
mas roubaram-lhe noventa e nove.
A escola e a cultura
lhe separam a cabeça do corpo.
Dizem-lhe:
de pensar sem as mãos
de fazer sem a cabeça
de escutar e de não falar
de compreender sem alegrias
de amar e de maravilhar-se
só na Páscoa e no Natal.
Dizem-lhe:
de descobrir o mundo que já existe
e de cem
roubaram-lhe noventa e nove.
Dizem-lhe:
que o jogo e o trabalho
a realidade e a fantasia
a ciência e a imaginação
o céu e a terra
a razão e o sonho
são coisas
que não estão juntas.
Dizem-lhe:
que as cem não existem
A criança diz:
ao contrário, as cem existem.
-Loris Malaguzzi

Resumo: Este estudo teve por objetivo analisar o currículo do curso de Licenciatura em Educação Física, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS), com foco nos dois últimos Projetos Pedagógicos de Curso e destaque para a representatividade das disciplinas teórico-metodológicas, que na percepção da pesquisadora, apontam na direção da construção de uma prática pedagógica que supere o modelo tradicional de currículo. Assim, definiu-se como objetivos específicos: a) Levantar, organizar e selecionar, a partir do Projeto Pedagógico de Curso (2017.1 e 2022.1) as disciplinas de cunho teórico-metodológico, com destaque às referências que possibilitaram reflexões para a superação de práticas pedagógicas tradicionais; b) Identificar e compreender, a partir das referências bibliográficas propostas nas disciplinas selecionadas, os elementos que possibilitaram refletir e intervir por meio de práticas não tradicionais. Como metodologia, trata-se de uma Pesquisa documental, cuja fonte primária constitui-se dos Projetos Pedagógicos do curso de Licenciatura em Educação Física (2017.1 e 2022.1). A partir destas fontes foi feito o levantamento e organização das referências sugeridas nas súmulas das disciplinas de ambos os currículos. A partir do levantamento realizado, concluiu-se por fim que foram identificadas disciplinas que possibilitam pensar a formação e a atuação do professor de Educação Física a partir de propostas educacionais não-tradicionais.

Palavras-Chave: Currículo Tradicional; Educação Física; Prática Pedagógica; Formação de Professores; Educação.

Abstract: The aim of this study was to analyze the curriculum of the Physical Education Bachelor's program at the School of Physical Education, Physiotherapy, and Dance at the Federal University of Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS), focusing on the last two Course Pedagogical Projects, with a particular emphasis on the representation of theoretical-methodological courses. In the researcher's perspective, these courses indicate a direction towards the development of a pedagogical practice that surpasses the traditional curriculum model. Therefore, specific objectives were defined: a) To gather, organize, and select, based on the Course Pedagogical Projects (2017.1 and 2022.1), the theoretical-methodological courses, highlighting the references that facilitated reflections aimed at overcoming traditional pedagogical practices; b) To identify and comprehend, based on the bibliographic references proposed in the selected courses, the elements that enabled reflection and intervention through non-traditional practices. Regarding the methodology, this is documentary research, with the primary source being the Pedagogical Projects of the Physical Education Bachelor's program (2017.1 and 2022.1). From these sources, a survey and organization of the references suggested in the course summaries of both curricula were conducted. Based on the conducted survey, I conclude that there were identified courses that enable the consideration of the training and role of Physical Education teachers within non-traditional educational proposals.

Key Words: Traditional Curriculum; Physical Education; Pedagogical Practice; Teacher Education; Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Disciplinas cursadas abordadas ao longo do texto.....	20
Quadro 2 - 1º Semestre/2017.....	20
Quadro 2.1 - 1ª disciplina.....	20
Quadro 2.2 - 2ª disciplina.....	25
Quadro 2.3 - 3ª disciplina.....	28
Quadro 3 - 2º Semestre/2017.....	31
Quadro 3.1 - 4ª disciplina.....	32
Quadro 3.2 - 5ª disciplina.....	34
Quadro 3.3 - 6ª disciplina.....	36
Quadro 4 - 1º Semestre/2018.....	38
Quadro 4.1 - 7ª disciplina.....	38
Quadro 5 - 2º Semestre/2018.....	40
Quadro 5.1 - 8ª disciplina.....	40
Quadro 6 - 2º Semestre/2020.....	42
Quadro 6.1 - 9ª disciplina.....	42
Quadro 7 - 1º Semestre/2021.....	46
Quadro 7.1 - 10ª disciplina.....	47
Quadro 7.2 - 11ª disciplina.....	48
Quadro 8 - Panorama Geral do Trabalho.....	54

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. OBJETIVO GERAL.....	12
2.1. Objetivos específicos.....	13
3. METODOLOGIA	13
3.1 Delineamento da Pesquisa.....	14
3.2. Procedimento Metodológico.....	14
4. CURRÍCULO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: ASPECTOS LEGAIS	15
5. CURRÍCULO TRADICIONAL, CRÍTICO E PÓS-CRÍTICO.....	16
6. CURRÍCULO DE 2017.1 DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFID-UFRGS	18
7. PERCEPÇÕES DE UMA FUTURA PROFESSORA: resignificando a prática pedagógica	51
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54

1. INTRODUÇÃO

A escolha pelo curso de Educação Física ocorreu a partir de minha experiência e trajetória escolar, era a única disciplina em que realmente me considerava boa e o único meio para atividades físicas para mim.

Durante o ensino médio com a pressão, que boa parte dos jovens sofre para escolher uma carreira profissional, questionava-me qual profissão seguir. Lembro-me de ver em algum livro de aconselhamento de carreiras que pensar nas disciplinas que íamos melhor na escola era uma boa estratégia para uma possível escolha profissional.

O sistema educacional com seus métodos avaliativos tradicionais me fazia acreditar que eu não era boa em quase nada, a não ser na Educação Física, em que eu me sentia vigorosa nas atividades propostas e, também, nos esportes, nos quais desenvolvi diversos valores.

Hoje eu sei que a disciplina Educação Física na escola, bem como o lazer, é um direito de todo cidadão e se é um direito, temos que lutar por eles. Passamos boa parte da nossa vida acreditando que determinadas atividades são para uma determinada classe social ou gênero. Realmente algumas são, principalmente quando observamos a falta de oportunidades. Eu não tinha acesso ao esporte ou outras práticas corporais fora do ambiente escolar, o que me fazia viver a Educação Física escolar com muita veemência.

Por diversas vezes, a Educação Física não é compreendida como um componente curricular, que possui objetivos, estratégias, planejamentos e métodos avaliativos, entre outros. Consideram-na como um tempo vago para liberar as energias das outras aulas, nas quais os alunos se sentem cansados e entediados.

Durante as minhas aulas na escola, sempre tive o pensamento de como as atividades poderiam ser mais interessantes e integrativas; para tomar minha decisão sobre qual carreira seguir, isso foi levado em consideração.

Quando eu era pequena, dizia para todo mundo que me perguntasse que eu iria ser “cantadora”. Entretanto, o que mais para frente observei, é que algumas das minhas brincadeiras na solidão de minha infância eram colocar meus bichinhos de pelúcia em roda e ler para eles, fazer perguntas sobre o que eu lia e responder com um tom de voz como se eles estivessem me respondendo. Eu os fazia andar em filas e reproduzia o que vivia na escola. Quando tinha a companhia do meu irmão, seis anos mais velho, nós brincávamos de “brincadeiras de menino”, lutinha, chute ao gol, guerra e muitas outras em nosso pátio, com bolas. Estávamos sempre inventando uma brincadeira nova. Com meus pais, brincava de jogos de cartas e tabuleiro e inventava regras que os tornavam diferentes e a principal atividade familiar era o nosso “vôlei de portão”, onde fazíamos

campeonatos entre nós quatro. Somente aí me dei conta que na verdade o que eu queria ser era professora, especificamente da área da Educação Física.

No currículo no qual ingressei no curso de Educação Física, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a entrada ocorria somente pela licenciatura, mas coincidentemente era a minha escolha desde que optei pela Educação Física. Já no ingresso, pelo 7º chamamento e como cotista do grupo L1¹, percebi que na Educação Física existe um mundo muito mais amplo do que eu vivenciei dentro da Educação Física da minha escola. Durante o curso tive experiências formativas que me levaram a descobertas e possibilidades de fazer diferente em comparação ao currículo tradicional escolar.

As disciplinas do curso de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS) são ministradas por professores com formação específica na área (bacharéis ou licenciados). Entretanto, a licenciatura tem a peculiaridade de ter algumas disciplinas ministradas por professores lotados na Faculdade de Educação da UFRGS, portanto professores cuja formação inicial é a Pedagogia.

Com isso, tive como panorama formativo um Projeto Pedagógico de Curso (PPC) que previa disciplinas cujas temáticas se direcionavam tanto na atuação em escolas de Educação Básica, quanto em aspectos mais específicos da Educação Física. Adicionalmente, o currículo deu suporte pedagógico e conceitual para atuarmos por meio de uma base de conhecimentos que envolvem as seguintes áreas: educação, psicologia, fisiologia, anatomia, sociologia, biomecânica, metodologias dos esportes, atividades rítmicas e expressivas, lazer, dentre outras que compõem um mosaico formativo cujo objetivo é consolidar, em caráter inicial, a formação do futuro professor de Educação Física.

O PPC, cuja estrutura é pensada e construída pelo colegiado do curso, configura o percurso de formação de futuros professores de Educação Física. Neste processo, consideram-se diferentes elementos tanto do campo acadêmico-científico como também profissional. Atualmente, o ingresso é único para a graduação em Educação Física. Após quatro semestres de curso, os estudantes podem optar pela Licenciatura, que os habilita para atuar na Educação Básica como Professores de Educação Física; ou pelo Bacharelado para atuar em Academias, no Alto rendimento, na Gestão esportiva, Lazer, Qualidade de Vida e Saúde Coletiva, como Profissionais de Educação Física. Essa

¹ Candidatos com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo, que cursaram integralmente o Ensino Médio em escolas públicas.

modificação na estrutura dos cursos de graduação em Educação Física, deu-se por meio da Resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 6 de 18 de dezembro de 2018, que implementou as novas Diretrizes Curriculares para os Cursos (DCN) de graduação em Educação Física. Neste percurso, muitas expectativas se consolidam, outras emergem, algumas são superadas, e assim seguem até a conclusão.

As trajetórias, no interior deste currículo, são singulares, pois as percepções, aprendizagens, práticas e perspectivas de atuação profissional, são trilhadas e pensadas de formas distintas mesmo percorrendo caminhos muito semelhantes. Atualmente, e a partir deste estudo, estou prestes a concluir esta trajetória. Assim, esta pesquisa tem como foco de análise algumas disciplinas do curso de licenciatura em Educação Física, com destaques para algumas referências sugeridas e lidas em diferentes momentos da formação que, em alguma medida, fortaleceram minhas expectativas de atuar na docência em Educação Física, considerando práticas da **cultura corporal de movimento** que possam romper com o currículo tradicional.

Faço aqui um breve parêntese sobre o termo cultura corporal de movimento, apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física.

“A concepção de cultura corporal de movimento amplia a contribuição da Educação Física escolar para o pleno exercício da cidadania, na medida em que, tomando seus conteúdos e as capacidades que se propõe a desenvolver como produtos socioculturais, afirma como direito de todos o acesso e a participação no processo de aprendizagem. Favorece, com isso, a modificação do histórico da área, que aponta para um processo de ensino e aprendizagem centrado no desempenho físico e técnico, resultando em muitos momentos numa seleção entre indivíduos aptos e inaptos para as práticas da cultura corporal de movimento.” (BRASIL, 1998, p. 30)

No histórico do desenvolvimento do objetivo de estudo específico da Educação Física, alguns termos surgiram entre fins dos anos 1980 e início dos anos 1990, tais como cultura corporal, cultura de movimento, cultura corporal de movimento, entre outros. Período no qual a Educação Física, assim como a sociedade de uma maneira geral, passava por um momento de transição e questionamento com relação a algumas verdades estabelecidas, nos âmbitos políticos, sociais, culturais e educacionais. Neira e Gramorelli (2017), contextualizam o surgimento do termo cultura corporal, termo forjado pelo Coletivos de Autores e com grande visibilidade na área da Educação Física:

A incorporação do conceito de cultura corporal pela Educação Física deu-se sob a égide das teorias críticas. O sentido inicialmente atribuído à expressão surge num contexto político e social de abertura democrática e modificação do papel da escola. Também é concomitante à intenção de realçar uma nova função social do componente

contraposta ao ensino tradicional. Com a cultura corporal, o objeto de estudo da Educação Física transformou-se e ensejou práticas pedagógicas e intenções educativas afastadas daquelas propaladas pelas vertentes que elegeram o exercício físico e, mais tarde, o movimento como objetos de ensino. (Neira; Gramorelli, 2017, p. 2).

Alinhada a essas discussões, trago neste estudo algumas percepções sobre a incorporação da cultura corporal de movimento na Educação Física, termo que se consolidou nas políticas públicas da educação. Esse processo se desenvolveu no contexto das teorias críticas, inicialmente com um significado que emergiu em um cenário político e social transformando o papel da escola. Além disso, foi simultânea a intenção de destacar uma nova função social da educação física, contrastando com o ensino tradicional.

Na origem deste estudo, pensei em analisar um contexto escolar específico, que fornecesse indicativos de uma proposta de práticas pedagógicas que se aproximasse de iniciativas de implementação de um currículo crítico² ou pós-crítico³. Mas, devido às limitações de tempo para assumir uma pesquisa que previa trabalho de campo, optei pela pesquisa de análise documental.

Definido que seria um trabalho de análise documental e buscando preservar a temática inicial da pesquisa, de estudar currículos ou propostas curriculares que vão na contramão de perspectivas tradicionais e que alcançam, de forma propositiva, as práticas dos professores de educação física em contexto escolar, optei pela análise do currículo de graduação pelo qual ingressei em 2017.1. Neste sentido, considerei as súmulas das disciplinas, das quais destaco referências trabalhadas em aula, cujo conteúdo permitiu avançar, refletir e modificar o olhar para o que considero boas práticas e, principalmente, que contribuiriam para direcionar minha atuação com vistas a atender as demandas atuais de crianças e jovens da Educação Básica.

Nessa direção, faço um movimento de retorno às disciplinas cursadas para me apropriar, neste segundo momento, do que foi significativo no que diz respeito a construção deste estudo. Importante frisar que por vezes, o nosso *habitus* de aluno⁴ nos faz externar comportamentos nem sempre esperados de futuros professores e professoras.

² Currículo Crítico: Segundo Silva (1999) as teorias críticas do currículo indicam para a não neutralidade da ação educativa, com práticas de transformação da realidade social e descrevem o currículo como um campo de disputas permeadas por questões de poder, classe social, etc...

³ Currículo Pós-crítico: Segundo Silva (1999) Já as teorias pós críticas, trazem a discussão dos conceitos de raça, gênero e identidade como categorias interseccionais que atravessam o campo do currículo.

⁴ *Habitus de aluno* (Perrenoud, 1993), entendido como um conjunto de maneiras de atuar e de perceber a realidade na situação de ensino escolar

Segundo Zeichner (1993), alguns modelos formativos têm buscado assumir esta tendência de articular o contexto das teorias aprendidas na Universidade e as situações práticas vividas no espaço escolar. Sob essa ótica, passei a adotar uma postura de um maior equilíbrio entre os diversos saberes que compõem a aprendizagem da docência para que os estudantes da licenciatura possam construir um *habitus* especificamente docente (Perrenoud, 1993). E com isso os estudantes - futuros professores, passam a se pensar enquanto professores, e não mais como estudantes.

Ressalto que, no curso de Educação Física da ESEFID/UFRGS, embora existam lacunas no processo formativo ocasionadas por certas posturas imaturas dos estudantes ou mesmo por certas exigências dos professores, algumas inseguranças e inconsistências ficam evidentes na prática docente destes estudantes, principalmente sentidas no contexto dos Estágios Supervisionados, a partir da segunda metade do curso.

Com esta contextualização, levantou-se a seguinte questão problema: *As referências sugeridas nas disciplinas do Curso de Licenciatura em Educação Física, de base teórico-metodológica, possibilitam refletir e atuar por meio de práticas pedagógicas não-tradicionais?*

A partir desta questão de estudo, tracei como objetivos: identificar e compreender qual a contribuição dos referenciais teórico-metodológicos trabalhados nas disciplinas selecionadas, os elementos que possibilitaram refletir e intervir por meio de práticas não tradicionais.

Para tal, definiu-se como percurso, no interior deste estudo, em um primeiro momento, no capítulo 3, descrevo a metodologia. Na sequência no capítulo 4, discorro sobre os aspectos legais que regulamentam a Educação Nacional, desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) para a Educação Básica e a Base Nacional para a Formação de Professores (Brasil, 2019). No capítulo 5, trato a temática do currículo à luz do referencial teórico de Tomaz Tadeu da Silva em sua obra “Documentos de Identidade: introdução às teorias do currículo”, de Suraya Cristina Darido em “Educação Física na escola: questões e reflexões” e, por fim, de Denise Grosso da Fonseca com o texto “Educação física no ensino médio: propostas curriculares, prática pedagógica e avaliação”. No capítulo 6, apresento quadros comparativos das disciplinas do curso no currículo em que ingressei (2017.1) e no currículo em vigor (2022.1), destacando as disciplinas cursadas por seu caráter teórico-metodológicas. Ainda, analiso e discuto no que estas disciplinas foram representativas para minha identidade docente, considerando as referências utilizadas pelos professores responsáveis.

Ao final, no capítulo 7 faço as considerações, a partir dos objetivos, posiciono-me diante de minha trajetória no curso, e sobre a constituição de minha identidade docente a partir dos contributos de disciplinas que considero fundamentais para atuar no campo da docência, com vistas a superar uma visão tradicional de currículo e principalmente da prática pedagógica.

2. OBJETIVO GERAL

Levantar, descrever, analisar e compreender o percurso formativo de futuros professores de Educação Física, considerando os dois últimos Projetos Pedagógicos do Curso de Educação Física da ESEFID/UFRGS.

2.1. Objetivos específicos

a) Levantar, organizar e selecionar, a partir do Projeto Pedagógico de Curso (2017.1 e 2022.1) licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS, as disciplinas de cunho teórico-metodológicas, com destaque às referências que possibilitaram reflexões para a superação de práticas pedagógicas tradicionais.

b) Identificar e compreender, a partir das referências bibliográficas propostas nas disciplinas selecionadas, os elementos que possibilitaram refletir e intervir por meio de práticas não tradicionais.

3. METODOLOGIA

Este é um estudo de abordagem qualitativa, que considerou as fontes escritas - artigos, capítulos de livros, documentos curriculares, documentários, anotações e memórias de aulas, na busca de responder à questão de estudo.

Definiu-se a metodologia como um estudo documental do tipo exploratório e descritivo.

Por documento ou fonte documental entende-se aqui como o conjunto de escritos e/ou imagens capaz de reproduzir/informar, transmitir/significar um acontecimento, uma situação, uma informação, um fenômeno e/ou uma circunstância (Fontana; Pereira, 2023, p. 44). As autoras prosseguem relatando que documentos registram um fato/fenômeno determinado.

Para este estudo, os documentos consultados e analisados foram as referências básicas e complementares, disponibilizadas a partir de dois Projetos Pedagógicos do Curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Importante frisar que, segundo Gil

(2002) a pesquisa documental se assemelha muito a pesquisa bibliográfica, o ponto que as diferencia é a natureza da fonte consultada.

3.1 Delineamento da Pesquisa

Por tratar-se de uma Pesquisa documental (Projeto Pedagógico de Curso e súmulas das disciplinas) o recorte no documento curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS, teve como foco as disciplinas que proporcionaram reflexões para uma prática pedagógica não-tradicional, cujo trato teórico-metodológico avançava para o contexto da prática de forma intencional e propositiva, em minha percepção.

Desta forma, o levantamento das disciplinas cursadas de caráter teórico-metodológicas, ocorreu a partir do PPC do curso (versão 2017 e 2022) e nos arquivos das disciplinas cursadas de cada semestre letivo desde o meu ingresso em 2017.1. Como operacionalização da pesquisa, todos os textos selecionados foram impressos, lidos, analisados e, para fins de registros, foram criados quadros autorais. Selecionados os textos, a partir de minhas anotações, elaborei um quadro síntese para apresentar as disciplinas por semestres, as referências disponibilizadas pelo professor, com posterior análise das temáticas desenvolvidas em aula. Acessei alguns filmes e documentários sugeridos nas disciplinas que também desencadearam reflexões e estimularam o desenvolvimento de propostas de intervenção para a prática docente, que serão mencionados e analisados na discussão.

Posteriormente ao quadro, desenvolvo um processo de análise e discussão, considerando os destaques e reflexões feitos a partir dos textos, capítulos, livros e filmes.

3.2. Procedimento Metodológico

Previamente, foi realizada uma busca na plataforma Mendeley, com o objetivo de encontrar trabalhos equivalentes ao propósito deste estudo, com intuito de mostrar sua relevância ao meio acadêmico, considerando os seguintes descritores: prática pedagógica; currículo tradicional; educação física; currículo crítico; nesta busca retornaram poucos estudos sobre a temática do currículo tradicional e práticas não-tradicionais na Educação Física. Assim, foram feitas algumas indicações de leituras, nas reuniões de orientação, sobre a formação de professores, práticas pedagógicas e teorias curriculares, para compor o quadro teórico sobre a temática. Especificamente da busca na Plataforma Mendeley, retornaram alguns poucos estudos com ênfase nos estágios obrigatórios e docência durante a pandemia do COVID-19.

Foram levantados os documentos do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS, mais especificamente os dois últimos PPC, a legislação que regulamenta os currículos da Educação Básica (BNCC) e a das disciplinas dos PPCs foram selecionadas as de cunho teórico-metodológicas. Posteriormente, procedeu-se a uma análise comparativa dos seguintes aspectos: carga horária, semestre em que está a disciplina e qual a diferença de oferta entre os dois currículos.

A partir destes elementos, apresento os aspectos legais e curriculares que suportam os PPCs dos cursos, de forma breve e pontual e, na sequência são apresentadas, analisadas e discutidas referências sugeridas nestas disciplinas que tiveram representatividade para mim na mudança da prática pedagógica.

4. CURRÍCULO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: ASPECTOS LEGAIS

Conforme mencionado anteriormente, documentos curriculares são fontes vivas, pois alteram-se de forma constante, a depender do movimento nas demandas da sociedade mais ampla. Assim, para os cursos de formação superior, que são regidos pela Lei maior, neste caso a LDB, Lei nº 9.394/96, e pela DCN formuladas pelo CNE, à medida que estas legislações são alteradas, os cursos precisam se ajustar e elaborar seus PPCs para responder a essas normativas legais.

Desde a LDB (Brasil, 1996), houve, no âmbito das Políticas Públicas, diferentes documentos curriculares com orientações, regulações e regulamentações para a Educação Nacional, desde a educação básica até o ensino superior. De maneira mais recente, temos a Base Nacional Comum Curricular para Professores da Educação Básica - BNC da formação (Resolução CNE/CP nº 2/2019), BNCC (Resolução CNE/CP Nº 2, de 22 de dezembro de 2017⁵) e a Base Nacional para a Formação Inicial e Continuada de Professores (Resolução CNE/CP nº 1/2020). Além dos documentos citados, a LDB indica que os cursos de graduação são orientados pelas DCN. As diretrizes são documentos normativos, instituídos pelo CNE para cada curso de graduação, respeitando suas especificidades. É importante esclarecer que cada etapa da Educação Básica também é regida por suas diretrizes curriculares específicas.

Sobre os currículos da Educação Física analisados neste estudo, o PPC de 2017 foi construído tendo como base a Resolução CNE nº 07 de 2004. Já o PPC de 2018 é

⁵ **Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017** - Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica.

regulamentado a partir da Resolução CNE nº 06 de 2018, que estabeleceu as novas DCNs para os cursos de graduação em Educação Física.

A literatura então, indica que há poucos estudos relatando a percepção de futuros professores sobre a trajetória curricular, com depoimentos dos estudantes sobre a contribuição das disciplinas na proposição de práticas pedagógicas não-tradicionais em Educação Física.

Isto posto, na sequência apresento a fundamentação teórica sobre as teorias curriculares que tratam dos modelos de currículo tradicional, crítico e pós crítico, dos quais emergem práticas que atendem às demandas dos sujeitos em diferentes períodos históricos.

5. CURRÍCULO TRADICIONAL, CRÍTICO E PÓS-CRÍTICO

A aproximação com esses conceitos de currículo ocorreu durante minha trajetória no curso. Em algumas disciplinas fiz leituras sobre as teorias de currículo, e destaco algumas delas para poder me situar ao longo deste estudo, no sentido que atribuo a currículo e práticas tradicionais e como percebo o que seriam práticas emancipatórias ou que visam superar o currículo tradicional.

Silva (2016) relata que uma primeira noção de currículo, como objeto específico de estudo e pesquisa, emerge em solo estadunidense nos anos 1920, fortemente vinculado ao processo de industrialização que ocorria desde a passagem do século XIX para o XX. Além do processo de industrialização, havia os movimentos imigratórios, que intensificaram a massificação da escolarização. Com isso houve um impulso por administrar de forma racional esse processo que, na verdade, trata-se do primeiro desenvolvimento de um desenho curricular, elaborado para grupos heterogêneos de sujeitos (p. 12).

Aqui, o currículo é visto como um processo de racionalização de resultados educacionais, cuidadosa e rigorosamente especificados e medidos. O modelo institucional dessa concepção de currículo é a fábrica. Sua inspiração “teórica” é a “administração científica”, de Taylor. No modelo de Currículo de Bobbitt, os estudantes devem ser processados como um produto fabril. (Silva, 2016, p. 12)

Para uma compreensão maior dessas primeiras teorizações sobre currículo, Silva (2016) sugere o acesso a obra de Bobbitt (1918) - *The Curriculum*, cujos escritos se dirigem a pensar o currículo e prescrevê-lo para crianças numa sociedade que se quer industrial, poderosa e eficiente. Assim, o momento é de tensão econômica, política e social, com isso Bobbitt propõe um currículo que responda a essa sociedade que quer

resultados precisos. No entanto, a opção, mesmo para uma população heterogênea, é por um modelo conservador, pautado em métodos, estratégias, eficiência e passíveis de serem avaliados.

Silva (2016, p. 72) ainda nos instiga a imaginar uma sala de aula tradicional, onde é o professor quem decide o que e quando ensinar, em que ritmo e os critérios pelos quais se pode dizer se o estudante aprendeu ou não.

Quando pensamos especificamente na área da Educação Física, Darido (2003, p. 34) diz que:

Atualmente, coexistem, diversas concepções sobre qual deve ser o papel da Educação Física na escola. Essas concepções têm em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, esportivista e tradicional. São elas: Humanista; Fenomenológica; Psicomotricidade, baseada nos Jogos Cooperativos; Cultural; Desenvolvimentista; Interacionista-Constructivista; Crítico-Superadora; Sistêmica; Crítico-Emancipatória; Saúde Renovada, baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil,1998); além de outras.

Ela ainda comenta (p. 46) que, “muitos professores, ainda influenciados pela concepção esportivista, continuam restringindo as suas aulas aos esportes mais tradicionais, como por exemplo, basquetebol, voleibol e futebol” (Darido, 2003).

Silva (2016, p. 115) afirma que, “A teorização crítica do currículo não existiria sem o pressuposto de um sujeito que, através de um currículo crítico, se tornaria, finalmente, emancipado e libertado.” Ainda sobre as teorias críticas, Silva (2016, p. 147-148) comenta que “o currículo é, definitivamente, um espaço de poder” e que “o conhecimento corporificado no currículo carrega as marcas indelévels das relações sociais de poder”. Sendo o currículo uma construção social, resultante de um processo histórico, capitalista, reproduzidor culturalmente das estruturas sociais, transmitindo a ideologia dominante, sendo assim um território político e atuando ideologicamente para manter a crença de que a forma capitalista de organização da sociedade é boa e desejável, dessa forma o currículo através de suas relações sociais, faz com que as diferentes classes aprendam quais são seus respectivos papéis nas relações sociais mais amplas.

Silva (2016, p. 148) nos traz que:

É apenas uma contingência social e histórica que faz com que o currículo seja dividido em matérias ou disciplinas, que o currículo se distribua sequencialmente em intervalos de tempo determinados, que o currículo esteja organizado hierarquicamente... É também através de um processo de invenção social que certos conhecimentos acabam fazendo parte do currículo e outros não.

Já sobre as teorias pós-críticas, Silva (2016, p. 149) ressalta que o conhecimento não é exterior ao poder, e não se opõe a ele. Não sendo aquilo que põe em xeque o poder, mas sim como parte inerente dele. Quanto à ideologia, se ela cedesse um lugar ao verdadeiro conhecimento, o currículo e a sociedade seriam finalmente emancipados e libertados. No entanto, se pudéssemos nos livrar das relações de poder inerentes ao capitalismo, o conhecimento corporificado no currículo já não seria distorcido. O autor expõe ainda que todo conhecimento depende da significação e esta, por sua vez, depende de relações de poder.

Silva (2016, p. 150) salienta que o currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram, ele é lugar, espaço, território, relação de poder, trajetória, percurso, autobiografia, nossa vida, texto, discurso, documento e é no currículo que se forja nossa identidade.

Historicamente, segundo Fonseca (2016, p. 155 apud Fonseca, 2015, p. 81) as discussões e os estudos sobre avaliação têm sido orientados por três concepções: a avaliação tradicional, identificada com princípios quantitativos; formativa ou mediadora, identificada com princípios qualitativos; e a emancipatória, que amplia a perspectiva formativa e mediadora contemplando a dimensão político-pedagógica com o propósito de mobilizar o senso crítico a partir de processos auto avaliativos.

Por fim, sobre as propostas de avaliação Darido (2003, p. 8) aponta que elas caminham no sentido do uso da avaliação não-punitiva, vinculada ao processo, e com ênfase no processo de autoavaliação. E ainda (p. 9 apud Coletivo de Autores, p. 101) que na perspectiva tradicional, a avaliação é utilizada para selecionar os alunos para competições e apresentações. Resumindo a ênfase no esforço individual com finalidade a seleção.

6. CURRÍCULO DE 2017.1 DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFID-UFRGS

Com vistas a seguir as premissas deste estudo, retomo à questão problema e aos objetivos, com intuito de orientar a apresentação, análise e discussão dos dados. Os currículos, de minha entrada 2017.1 e o vigente de 2022.1, representam o ponto de partida deste estudo. Nesta direção, os currículos serão apresentados a partir da análise das disciplinas do curso nos dois documentos curriculares, com destaque para algumas referências sugeridas no interior das disciplinas que foram fundamentais para reflexão sobre minha prática pedagógica como professora de Educação Física.

De fato, a grande questão que se coloca aqui é: *como nos tornamos professores?* Para responder a tal questionamento, retomo aos semestres em 2017, ano de meu ingresso no curso.

As disciplinas cursadas (Anexo 1) encontram-se em destaque (conforme legenda de cores), por semestre cursado, campus ofertado, número de créditos, semestre correspondente no ano de 2017, ano em que cursei, seleção das referências utilizadas pelos professores, súmula, objetivos e metodologias da disciplina e, por fim, faço uma comparação entre os currículos vigentes em 2017 e a partir de 2022⁶.

Levando em consideração a dinamicidade dos currículos, que estão suscetíveis a revisões periódicas para atender demandas legais, que visam melhorar o ensino, é importante compreender que os PPC são documentos vivos, portanto são constantemente atualizados. Nesse contexto, meu interesse acadêmico está alinhado a uma análise comparativa das disciplinas presentes no currículo no qual ingressei em 2017, contrastando-as com as alterações implementadas no currículo vigente em 2022.1. Assim, com objetivo de analisar as disciplinas cursadas, tendo como referência as representações e significados que tais disciplinas despertaram em minha docência, que desenvolvo uma análise comparativa entre as disciplinas de meu currículo de ingresso (2017.1) e as mudanças ocorridas no atual currículo (2022.1).

Nesta direção, uma primeira análise recaiu sobre a obrigatoriedade das disciplinas, pois algumas eram obrigatórias em 2017.1 e tornaram-se eletivas no atual currículo ou foram substituídas por disciplinas com outra nomenclatura. Outro ponto é a redução ou o aumento da carga horária de algumas disciplinas, que também foram alteradas. Esta parte específica busca gerar questionamentos sobre as mudanças de currículo ou até mesmo sobre as referências que poderiam ser significativas para a formação docente na perspectiva aqui adotada.

Reitero que as disciplinas selecionadas, bem como as referências sugeridas pelos professores, que foram destacadas como relevantes e significativas para minha formação, compõe o contexto de minha trajetória no curso, de forma situada, ou seja, para o momento em que ocorreram, portanto, refletem um contexto peculiar de como percebo minha formação.

⁶ Portaria 14/2019 da ESEFID/UFRGS, que designou os professores Flávio Antônio de Souza Castro, Lisiane Torres e Cardoso, Elisandro Schultz Wittizorecki, Rogério da Cunha Voser e Eduardo Lusa Cadore, os técnico-administrativos Eduardo Pinto Machado e Cíntia Bueno Marques, e representação discente, para comporem a Comissão de Reestruturação Curricular (CRC) dos Cursos de Graduação em Educação Física, a partir daquela data, até dia 20 de dezembro de 2019, prorrogada até o fim dos trabalhos, devido à situação de Emergência Médica, em relação à pandemia mundial por coronavírus.

Feitos os devidos apontamentos, apresento o quadro 1 das disciplinas por semestre, dando uma visão geral sobre todas as disciplinas cursadas que abordarei ao longo do texto, trazendo-as novamente de forma recortada de acordo com os semestres.

Quadro 1 – Disciplinas cursadas abordadas ao longo do texto

Quadro das Disciplinas por Semestre					
	Disciplina	Local	Créditos	Semestre	Ano cursado
1	Bases das Práticas Corporais Sistematizadas	ESEFID	4	1º	2017/1
2	Estudos Socioculturais I	ESEFID	4	1º	2017/1
3	Sociologia da Educação I	FACED	2	1º	2017/1
4	Desenvolvimento Motor	ESEFID	4	2º	2017/2
5	Estudos Socioculturais II	ESEFID	4	2º	2017/2
6	História da Educação: Hist. da Escolarização Bras. e Proc Pedagógicos	FACED	2	2º	2017/2
7	Mídia e Tecnologias Digitais em Espaços Escolares	FACED	2	-	2018/1
8	Intervenção Pedagógica e Necessidades Educativas Especiais	FACED	2	-	2018/2
9	Educação Contemporânea: Currículo, Didática, Planejamento	FACED	4	-	2020/2
10	Fundamentos da Educação Física Especial	ESEFID	4	4º	2021/1
11	Fundamentos da Educação Física na Educação Infantil	ESEFID	3	4º	2021/1

Fonte: Autora

Adiante apresento o quadro 2 das disciplinas do 1º Semestre/2017 por semestre cursado (azul), com destaque para as disciplinas cursadas na ESEFID (verde) e na Faculdade de Educação (FACED) (vermelho) e um quadro específico, para cada disciplina com as informações do que será discutido adiante.

Quadro 2 - 1º Semestre/2017

Quadro das Disciplinas por Semestre					
	Disciplina	Local	Créditos	Semestre	Ano cursado
	Bases das Práticas Corporais Sistematizadas	ESEFID	4	1º	2017/1
	Estudos Socioculturais I	ESEFID	4	1º	2017/1
	Sociologia da Educação I	FACED	2	1º	2017/1

Fonte: Autora

Na disciplina **Bases das Práticas Corporais Sistematizadas** foi-me apresentado o texto *Práticas Corporais Integrativas e Saúde Emocional*, do qual algumas passagens foram muito significativas, pois relacionam-se com práticas que podemos vivenciar através da educação com foco na saúde emocional do ser.

Quadro 2.1 - 1ª disciplina

Quadro das Disciplinas	
Disciplina	Referências
Bases das Práticas Corporais Sistematizadas	FROSI, Tiago Oviedo; POZATTI, Mauro Luiz. Práticas corporais integrativas e saúde emocional. Revista Didática Sistemica, v. 13, n. 1, p. 76-92, 2011.

Comparação dos currículos	
Currículo 2017	Currículo Atual
Obrigatória	Não Encontrada

Fonte: Autora

No quadro 2.1 a disciplina Bases das Práticas Corporais Sistematizadas, no currículo de 2017 era obrigatória, as súmulas de disciplinas do atual currículo não foram verificadas, porém, quando pesquisada no currículo vigente na parte denominada liberações, que nos demonstra se esta foi substituída por ser de um currículo anterior, tornando-se liberadora de uma disciplina similar, não foi encontrada com esta nomenclatura específica. Neste caso, identifica-se que esta disciplina, que foi extremamente significativa para minha formação no currículo de 2017.1, perdeu seu espaço, não sendo encontrada no currículo de 2022.1. Desenvolvo melhor, na sequência, o que representou esta disciplina para minha formação, a partir do referencial em destaque.

[..] as práticas integrativas e complementares de origem oriental, reconhecidas em sua dimensão terapêutica pelo Sistema Único de Saúde (SUS), através do Plano Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), de 2006 e da Portaria 154 de 24/01/08, podem ser re-significadas, e os profissionais da Educação e da Saúde teriam, então, a possibilidade de realizar atividades estruturadas em uma ideia de desenvolvimento dos aspectos adjacentes, ou subjetivos, do Ser. (Frosi; Pozatti, 2011, p. 77).

Aqui gostaria de fazer uma reflexão sobre o Ser, por quantas vezes ao longo de nossas vidas refletimos sobre o Ser ou melhor por quantas vezes somos incentivados a fazermos tais reflexões. O Ser aqui em questão refere-se a nossa identidade, autoconhecimento, características ou propriedades intrínsecas.

Considerando as experiências que vivenciei na escola, na qual grande parte das estratégias de ensino e aprendizagem seguem uma perspectiva tradicional, cujos conteúdos eram determinados a partir de etapas a serem seguidas, com foco principal no desenvolvimento intelectual e motor, ao invés do desenvolvimento humano em sua globalidade, que segundo Bock et al. (2001, p. 130) “abordado a partir de quatro aspectos básicos: físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social.”

Nesta direção, no contexto da prática pedagógica nas escolas, muitas vezes as emoções são pouco trabalhadas, e nem sempre como conteúdo principal, mas sim de forma transversal e, me arrisco a dizer, que os temas transversais que segundo a Secretaria

de Educação Fundamental (1997, p. 15) são as “questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde e da Orientação Sexual”, quando trabalhados acabam tornando-se subliminares, a partir da falta de preparo dos professores, passando algumas situações despercebidas ao longo das aulas, como por exemplo o racismo, o machismo, a homofobia, a gordofobia, a xenofobia e o *bullying*.

Dito isto, ao trabalhar as emoções, é possível perceber sentimentos, alteração no ritmo cardíaco, emoções extremas, certa excitação, oscilações de humor, dentre outros, que podem ser externados ou reprimidos em si próprio ou no outro. Porém, o estudo das expressões faciais, bem como da linguagem corporal, ao serem incorporadas nas práticas docentes, valorizam e proporcionam a expressividade do SER de forma plena.

Compreendo que somente a percepção sobre as emoções não é suficiente para completude deste tema, pois é na prática que aprendemos como administrá-las levando assim ao desenvolvimento da inteligência emocional. Para conduzir os estudantes a tal desenvolvimento, os professores precisam eleger estratégias de como trabalhar com este tema, como por exemplo, através de jogos, brincadeiras, contos, intervenções individuais ou em grupo, propondo também, a partir de conflitos, o pensamento crítico dos alunos para uma resolução conjunta. Comumente não aprendemos como desenvolver inteligência emocional na escola e com a ajuda desta ferramenta metodológica, poderíamos começar a desenvolvê-la de forma mais integral.

Justificamos esta abordagem devido à necessidade de compreendermos melhor os princípios que fundamentam as práticas corporais ligadas ao conceito de Saúde Emocional, pois são cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Este entendimento deve levar a reflexões sobre a atuação do profissional da Educação e da Saúde que, muitas vezes, desconhece e até desdenha tais atividades, por preconceito pautado na falta de conhecimento [...]. (Frosi; Pozatti, 2011 p. 77).

Abre-se aqui, um parêntese sobre a divulgação e legitimação do conhecimento, recentemente afetados pelo aumento nos casos de *fake news* e negacionismo, com ataques à ciência e aos meios de comunicação. No cenário político, desde os anos 2018, tal situação tem repercutido nos vários setores da sociedade, e com a Pandemia da Covid-19, muitos países foram afetados pela desinformação e negligência de alguns governantes, no campo social, econômico, educacional e da saúde. Pontuo que, tanto a formação quanto a atuação dos professores nas escolas, foram muito afetadas no período descrito, fecha-se o parêntese.

Como uma das responsabilidades da formação em nível superior é a produção e divulgação do conhecimento, recordo que esta disciplina foi a única que trouxe práticas

pautadas no desenvolvimento do SER, práticas como Yoga e suas variações, Danças Circulares, Pole, I Ching, Meditação, Tai Chi Chuan e Dança do Ventre. Assim, percebo que as boas práticas ao considerarem as emoções e sentimentos do Ser, emancipam-se de práticas tradicionais, que não aborda tais aspectos.

Porém, não tive a oportunidade de me deparar com tais práticas novamente em outras disciplinas ao longo de meu currículo, o que me faz sentir incapaz de trabalhá-las somente com este conhecimento. Embora saibamos que a graduação nos oferece ferramentas básicas para, ao longo do curso e da vida profissional, darmos continuidade a tais experiências em outros espaços, há assuntos que serão mais trabalhados na graduação do que outros, e este tema, ao olhar ambos os currículos aqui analisados, me parece que não é um dos focos.

Mesmo sendo uma abordagem relativamente nova, a Ciência dentro da Consciência vem mobilizando um conjunto cada vez maior de cientistas, sendo vista como uma opção teórica com a capacidade de integrar os conhecimentos disponíveis atualmente. Esta nova visão pode oferecer ao educador físico e à equipe multidisciplinar de saúde outra forma de abordagem [...]. (Martins, 2009; op cit Frosi; Pozatti, 2011 p. 77).

Se a partir disto podemos pensar em novos tipos de abordagens para a promoção da saúde, penso que seria interessante haver mais olhares para as práticas integrativas e complementares, levando em consideração o anúncio da OMS feito em março de 2022⁷, em que a depressão e a ansiedade aumentaram mais de 25% no primeiro ano da pandemia. Tendo em vista este cenário, e que a Educação Física por meio de atividades e exercícios podem agir diretamente na liberação de hormônios que corroboram com a saúde mental, seria importante o desenvolvimento de tais práticas também no âmbito escolar, como apresentado no Referencial Curricular da Educação Física do Rio Grande do Sul (González; Fraga, 2009), no qual práticas semelhantes são intituladas como práticas corporais introspectivas.

Alguns estudos presentes na literatura trataram de tentar definir o que são Práticas Corporais Alternativas, sua função e usos na Educação Física, bem como as possibilidades de inserção destas atividades nos currículos dos cursos superiores da área. Uma das principais ideias dos autores era a possibilidade de equilíbrio emocional através de práticas corporais [...]. (Conceição et al., 2009; Coldebella et. Al., 2004; Frago; Negrine, 1997 citados por Frosi; Pozatti, 2011 p. 78).

⁷ Para mais informações acesse:

<https://www.who.int/news/item/02-03-2022-covid-19-pandemic-triggers-25-increase-in-prevalence-of-anxiety-and-depression-worldwide>

O equilíbrio emocional contribui para um bem-estar em nosso dia a dia, é interessante pensar que determinadas práticas corporais podem nos oferecer ganhos tão expressivos. Reflito, talvez de forma utópica, sobre a potência social a nível mundial que poderíamos ter, se este quesito tão complexo tivesse um olhar significativo desde a base escolar.

Nas práticas corporais oriundas das matrizes culturais orientais, o físico Amit Goswami identificou atividades voltadas à saúde vital/emocional (2006^a). Como a física quântica nos permite ver hoje o mundo de uma forma mais abrangente, podemos compreender de forma científica e metódica, as práticas que são a base para os sistemas terapêutico-corporais na China, Índia e Japão há milênios. (Frosi; Pozatti, 2011 p. 84).

Quadro 1 – Práticas Corporais Orientais para a Saúde Emocional		
Indiana	Chinesa	Japonesa
<i>Kalaripaith</i>	<i>Taichi Chuan</i>	<i>Aikidō</i>
<i>Vajramushti</i>	<i>Lian Gong</i>	<i>Kyudō</i>
<i>Yoga</i>	<i>Nei Gong</i>	<i>Kendō</i>
<i>Shantala</i>	<i>Xing-I</i>	<i>Karatedō</i>
<i>Pranayama</i>	<i>Pakua</i>	<i>Shintaidō</i>
	<i>Chi Kung</i>	<i>Zazen</i>
	<i>Lien Chi</i>	<i>Haragei</i>
	<i>Tui-na</i>	<i>Shiatsu</i>

Fonte: Frosi; Pozatti (2011)

Alguns países como a China, por exemplo, popularmente têm uma expectativa de vida maior comparado a outros países e comumente sabemos sobre idosos ativos com consciência corporal e flexibilidade invejáveis. Os países aqui citados⁸ têm culturas muito diversas e fica difícil pensar o que exatamente faz com que eles tenham este resultado, porém me arrisco a dizer que as práticas corporais orientais fazem parte de um conhecimento ancestral, sendo um assunto excelente para nossa sociedade como um todo e comunidade escolar.

Ao trazermos essa discussão para o contexto nacional, especificamente no componente curricular Educação Física, a formação de professores tem apresentado avanços nas disciplinas que buscam atender aos desafios contemporâneos, de sujeitos que aprendem, praticam, se expressam e se comunicam de formas diversas. Assim, visando qualificar a prática de futuros professores, há elementos tanto da legislação, quanto no interior das disciplinas do curso de Educação Física que avançaram no suporte aos futuros

⁸ Para mais informações acesse:
<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1ekewggqwo>

professores. Do ponto de vista legal, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), apresenta uma organização para tratar pedagogicamente o ensino dos esportes coletivos. Já no contexto da formação inicial, algumas disciplinas teórico-metodológicas têm adotado esses referenciais legais e os estudos na área da pedagogia do esporte, na definição dos conhecimentos e práticas necessários para atender às diversas demandas no contexto das escolas.

Na sequência, referente ao currículo 2017.1, a disciplina de **Estudos Socioculturais I**, cujo destaque vai para o texto *Tabu do corpo*.

Quadro 2.2 - 2ª disciplina

Quadro das Disciplinas	
Disciplina	Referências
Estudos Socioculturais I	RODRIGUES, José Carlos. <i>Tabu do corpo</i> . SciELO-Editora FIOCRUZ, 2006.
Comparação dos currículos	
Currículo 2017	Currículo Atual
Obrigatória	Liberadora - Conhecimento, Ensino e Aprendizagem em Educação Física (2º Semestre), Educação Física, Cultura e Lazer (4º Semestre) e Estudos Histórico-Culturais da Educação Física e do Esporte (1º Semestre)

Fonte: Autora

No quadro 2.2, a disciplina destacada no currículo de 2017 era obrigatória e no currículo atual, quando pesquisada na parte denominada liberações a mesma foi substituída, tornando-se liberadora de três disciplinas com nomenclaturas diferentes e em diversas etapas do currículo.

Com isso, percebo esta disciplina, que já foi significativa para minha formação no currículo de 2017.1, ganhando mais espaço no currículo de 2022.1, pois consta como liberadora de três disciplinas. Assim, mesmo sem analisar em profundidade o conteúdo abordado no atual currículo, a mudança aponta corroborando com minhas percepções sobre a disciplina. Desenvolvo melhor, na sequência, o que representou esta disciplina para minha formação, a partir do referencial em destaque.

Rodrigues (2006, p. 45) apresenta que "é a sociedade em sua globalidade e cada fragmento social em particular que decidem o ideal intelectual, afetivo, moral ou físico que a educação deve implementar nos indivíduos a socializar [...]". Nesta direção, é necessário atentar-se ao processo de aquisição, valorização e legitimação do conhecimento e quais destes elementos da vida social sofrem influência direta ou indireta das relações e valores cultivados em cada cultura, como por exemplo as emoções ou

sentimentos que podem ser sentidos ou devem ser reprimidos ou quais corpos e vestimentas serão aceitos, tratando-se de gêneros e/ou idades específicas.

Quando dialogamos por exemplo com o analfabetismo, por meio de alguns sites conseguimos ver bairros⁹, cidades¹⁰ ou países¹¹ que têm baixos índices de pessoas alfabetizadas, além disso, esses países acumulam renda financeira *per capita* mais baixa, bem como menor nível intelectual. E como ter este nível mais alto quando por muitas vezes a preocupação daquele indivíduo é com a possibilidade de alimentar-se ou a sua família. No entanto, em minha concepção, todos adquirimos conhecimentos ao longo da vida, dignos de serem considerados relevantes, porém há certos conhecimentos que são considerados ideais para determinados contextos, portanto mais valorizados do que outros.

Quando refletimos, através das gerações, sobre os corpos ditos apropriados, percebe-se que culturalmente foi-se modificando este ideal, sendo por exemplo um determinado padrão na década de 1960 ao qual já se transformou, assim o conceito de beleza vem atualizando-se com o passar do tempo, pautado muitas vezes em procedimentos estéticos invasivos ao corpo e irrealis naturalmente.

Acredito que a transformação social tem seu início na educação, seja ela familiar ou no âmbito escolar, e através de políticas públicas. Aquilo que consideramos culturalmente ideal hoje pode, no futuro, parecer inimaginável, à medida que nossas perspectivas sobre diversos temas e em diferentes culturas evoluem ao longo de décadas.

[...] existem certos comportamentos que estarão presentes em todos os seres humanos independentemente da formação específica que cada um porventura tenha tido; é inegável que existem conjuntos de motivações orgânicas que conduzem os seres humanos a determinados tipos de atuação comportamental. Mas a cada uma dessas motivações biológicas a cultura atribui uma significação especial em função da qual assumirá determinadas atitudes e desprezará outras. (Rodrigues, 2006 p. 45)

Comportamentos esses involuntários ou instintivos, como quando, por reflexo tiramos o dedo ao tocar em uma panela quente ou quando ativamos o instinto de luta ou fuga quando algum mal aparentemente nos vai acontecer como na série *The Act*, onde nessa história verídica, a protagonista, a partir do relacionamento tóxico com sua mãe

⁹ Para mais informações acesse:

<https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/mops/serv-mapa.php?s=1&codigo=431490>

¹⁰ Para mais informações acesse:

<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-%20brasil/populacao/18317-educacao.html>

¹¹ Para mais informações acesse:

<https://www.indexmundi.com/map/?v=39&l=pt>

superprotetora, entende o conceito de amor de forma distorcida, sendo evidente somente com o seu amadurecimento e com seus próprios desejos, despertando assim este instinto.

Trago a reflexão desta série que demonstra de forma escancarada a deturpação de valores desde a infância e o quanto isto é impactado na vida adulta. Em um contexto mais concreto, segundo Santos (2019) é na infância que as crianças aprendem quem são e começam a traçar a personalidade dos adultos que serão, reflito aqui como as podas sociais da educação como um todo, podem fazer com que percamos adultos com valores mais pré-estabelecidos, seguros de si e que saibam sobre suas limitações.

Classificamos as pessoas quanto à "aparência", habilitando-as ou não a determinados empregos, e nos surpreendemos quando uma pessoa "bem apresentada" é identificada como transgressora das normas sociais e considerada criminosa. (Rodrigues, 2006 p. 46)

Certa vez trabalhei em uma academia, a qual em minha entrevista, um dos primeiros comentários do entrevistador foi sobre minha forma física, o mesmo expôs a seguinte interjeição: que bom que você é magrinha, pois a estagiária anterior era mais gordinha e ela era meio preguiçosa. Ao subir para o segundo andar, onde se encontravam aparelhos aeróbicos como esteiras, bicicletas e elípticos, me foi informado que ali eram feitos os aquecimentos, havendo a necessidade de subir as escadas muitas vezes ao dia para acompanhamento dos alunos, o entrevistador ainda observou que a mesma não os acompanhava e acredito que por isto ele a julgava de tal forma.

Julgar e associar a aparência física a comportamentos, assim como fazer comentários sobre o corpo dos outros, seja em situação de lazer ou no ambiente profissional, é insensível e desrespeitoso. Essas atitudes perpetuam estereótipos e contribuem para a criação de um ambiente tóxico e discriminatório. Este contexto não é um caso isolado, já que o preconceito também persiste na seleção de candidatos para empregos, considerando fatores como gênero, orientação sexual, etnia, características físicas e de personalidade, dependendo da vaga.

Portanto, o mais apropriado seria evitar a estereotipação das pessoas, a fim de proporcionar igualdade de oportunidades na busca por empregos, por exemplo, e evitar a formação de pré-conceitos antes de realmente conhecermos as pessoas.

Em **Sociologia da Educação I** destacarei o documentário *Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco*, um convite à realidade da educação pelo mundo e a causas que temos que nos atentar.

Quadro 2.3 - 3ª disciplina

Quadro das Disciplinas	
Disciplina	Referências
Sociologia da Educação I	ESCOLARIZANDO o mundo: o último fardo do homem branco. [Título original: Schooling the world: the white man's last burden]. Direção: Carol Black. Índia; EUA: Lost people films, 2010. 1 documentário (66 min). Disponível em: < https://youtu.be/1g8_hgeK6-k >.
Comparação dos currículos	
Currículo 2017	Currículo Atual
Obrigatória	Eletiva

Fonte: Autora

No quadro 2.3 a disciplina de Sociologia da Educação I, no currículo de 2017 constava como obrigatória e no currículo atual tornou-se eletiva. Neste caso identifica-se que esta disciplina, que foi de suma importância para minha formação no currículo de 2017.1, perdeu seu espaço quanto a sua obrigatoriedade tornando-se eletiva no currículo de 2022.1, podendo ou não ser cursada pelos futuros professores. Na sequência, desenvolvo melhor o que representou esta disciplina para minha formação, a partir do referencial em destaque.

Logo nos minutos iniciais [2:52], do documentário apresentado na disciplina acima, tem-se a seguinte frase: “Deixe tudo que for indígena dentro de você morrer”, dita no Discurso de inauguração da Escola Indígena Carlisle pelo fundador General Richard Pratt e a seguir [3:06] o Lord Macaulay em “Minuta sobre a Educação Indiana” diz que na Índia, os ingleses também estão escolarizando uma nação. “Nós devemos no momento fazer o nosso melhor para formar uma classe de pessoas indianas de sangue, mas inglesas em gosto, opiniões, moral e intelecto” Um ambiente que supostamente deveria ser projetado para considerar as singularidades, mas, ao invés disso, se modifica de tal forma que não corresponde à sua verdadeira identidade.

Tradicionalmente nós criamos nossas crianças de acordo com os ensinamentos de Buda. Mas agora, com o desenvolvimento, todos mandam suas crianças para a escola e os antigos valores de bondade e compaixão estão começando a declinar. Agora as pessoas estão pensando “Eu tenho que ser um médico ou um engenheiro.” E as formas tradicionais de compaixão, bondade, e ajuda mútua estão lentamente desaparecendo. (Dolma Tsering - Aliança das Mulheres de Ladakh) [4:36]

É intrigante considerar como chegamos a um sistema em que alguns ensinamentos tradicionais foram suprimidos em prol de conhecimentos considerados mais prioritários. Imagine o dilema de ser aconselhado a separar-se de seus filhos, ainda crianças, com a promessa de que isso lhes proporcionará um futuro melhor, envolvendo neste processo muitas vezes abandonar suas tradições, crenças e a própria cultura. É fundamental considerar a diversidade cultural ao construir os sistemas educacionais e as políticas que os orientam, isso envolve respeitar e valorizar as diferentes culturas e garantir que as escolhas educacionais não comprometam a riqueza da diversidade cultural que enriquece nossa sociedade.

[...] essas culturas não foram perfeitas. Mas elas conheciam seu próprio e específico clima, solo, água, e elas conseguiram sobreviver independentemente, responsáveis por suas próprias vidas, geração após geração. Na economia moderna e com o sistema educacional moderno, as crianças não aprendem nada daquilo, mas ao invés disso elas aprendem basicamente como usar produtos corporativos em uma cultura urbana de consumo. Então, uma vez educadas em escolas modernas, elas literalmente não sabem como sobreviver em seu próprio meio-ambiente. (Helena Norberg-Hodge - Sociedade Internacional pela Ecologia e pela Cultura.) [12:45]

Algumas dúvidas me levam a refletir: estaremos no caminho certo para transformar nossos ambientes escolares em espaços mais diversificados para nossas crianças e jovens? Qual seria o melhor caminho a seguir na preparação das próximas gerações? Qual o verdadeiro propósito da educação hoje? Segundo Campos (2007), para a Teoria Crítica, o principal objetivo da escola é a formação do aluno para exercer sua cidadania e não apenas formar um profissional integrado no mercado de trabalho. Se este é o objetivo da escola, acredito que este significado se perdeu um pouco pelo caminho, visto que para além dos muros da escola em nosso próprio meio ambiente não nos desenvolvemos em nossas tarefas diárias. [13:27] Os que saem para ir para a escola não sabem fazer nada aqui. Eles não sabem como levar os animais para pastar, como cuidar das plantações. Eles não conseguem fazer nada. (Entrevistada^[96])

[...] diferentes formas de saber, diferentes formas de ser e diferentes formas de aprender, realmente criam diferentes seres humanos. Se você foi criado no Colorado para acreditar que uma montanha é uma pilha inerte de pedras esperando para ser minada, você terá uma relação muito diferente com aquela montanha do que uma criança do sul do Peru que acredita piamente que uma montanha é um espírito Apu, uma deidade protetora, que irá direcionar seu destino ao longo da vida. Mas a observação interessante não é nem que a montanha seja de fato um espírito ou apenas uma pilha de terra. A observação interessante é como o sistema de educação que define o que a montanha é, cria um diferente ser humano com uma diferente relação com a terra. Eu fui criado nas

florestas da Colúmbia Britânica a acreditar que aquelas florestas existiam para serem cortadas. Aquela foi a base ideológica da ciência florestal que me foi ensinada na escola e que eu pratiquei como madeireiro nas florestas. [...] Mas de maneira drástica, aquele sistema de crenças me fez um ser humano muito diferente com uma relação muito diferente com a floresta do que os meus amigos das comunidades nativas que acreditavam que aquela floresta era a moradia de Hokuk e o beiral torto do paraíso. E por causa da minha ideologia e da minha educação, aquelas florestas não existem mais. (Wade Davis - Etnobotânico, Explorador Residente National Geographic Society.) [14:13]

Para pensarmos no desenvolvimento humano, prezando pela formação de indivíduos que conscientemente repensam a relação com o meio ambiente, independentemente de suas crenças, minhas reflexões levam a propostas colaborativas com a comunidade escolar por meio de abordagens multidisciplinares. Dessa forma, podemos utilizar estratégias das quais os indivíduos: valorizem a educação ambiental, promovam empatia, estimulem o pensamento-crítico, fomentem a colaboração, cultivem a responsabilidade individual, inspirem o envolvimento da comunidade, demonstrem modelos a seguir, promovam a diversidade de perspectivas, entre outros.

Eu acho que a maneira pela qual a educação ocidental tem crescido ao longo dos últimos séculos, especialmente com o crescimento da industrialização, foi basicamente, não para criar seres humanos totalmente preparados para lidar com a vida e todos os problemas dela, cidadãos independentes capazes de exercitar suas decisões e viver suas responsabilidades em comunidade, mas sim elementos para alimentar um sistema de produção industrial. [...] estamos criando seres humanos incompletos. (Vandana Shiva Navdanya/Fundação de Pesquisa pela Ciência, Tecnologia e Ecologia.) [17:05]

É importante reconhecer que a escola não precisa abordar todas as aprendizagens que teremos ao longo da vida, mas sim considerar como selecionar e priorizar aquelas que são mais essenciais para preparar as pessoas para enfrentarem desafios cotidianos.

A partir disso, penso que algumas sugestões de conhecimentos de segurança e bem-estar cotidiano que poderiam ser incorporados como parte do programa escolar seriam, o envolvimento em atividades como os escoteiros ou o ensino de habilidades práticas, como a verificação de extintores, a aplicação de reanimação cardíaca e a manobra de *Heimlich*.

Já na Educação Física especificamente poderiam ser trabalhados brevemente, mas de forma significativa, as noções do exercício físico e: a obesidade, qualidade de vida e saúde mental, doenças cardiovasculares, diabetes e doenças respiratórias, por exemplo, estimulando a importância da criação de hábitos para a prática de exercícios físicos para qualidade de vida e prevenção de doenças.

Se olharmos para trás, para o início da chamada “educação”, veremos que o plano era muito claro. Havia uma elite que queria treinar pessoas para servir suas necessidades, para essencialmente criar uma economia extrativista que servisse a poucos ao custo de muitos. Há muita literatura explícita sobre isso: era muito claro que a educação estava lá para treinar uma classe de pessoas para servir as necessidades da elite. (Helena Norberg-Hodge - Sociedade Internacional pela Ecologia e pela Cultura.) [17:48]

A afirmação de Helena destaca a histórica ligação entre educação e elites dominantes e o plano não pode mais ser de a educação treinar uma classe de pessoas para servir as necessidades da elite. Embora tenhamos feito avanços significativos em direção a sistemas educacionais mais inclusivos, a desigualdade persiste no acesso à educação de qualidade, o que enfatiza a necessidade de nossa atenção contínua. O acesso à educação de qualidade deve ser um direito universal e não um privilégio reservado a poucos, é crucial continuar a lutar por políticas e práticas educacionais que eliminem barreiras econômicas, sociais e culturais que prejudicam o acesso equitativo à educação.

Manish Jain Shikshantar do Instituto dos Povos para Repensar a Educação e o Desenvolvimento diz [45:50] “pensar que criando prisões de concreto e trancando pessoas lá, e às dando livros que falam sobre natureza, é uma melhor forma de pensar sobre a vida do que realmente passar tempo na natureza”. Algumas vezes, nos deparamos com a necessidade de estudar assuntos que carecem de relevância para nós, tornando desafiadora a absorção do conhecimento. Portanto, torna-se fundamental promover a construção conjunta do conhecimento tornando o aprendizado mais significativo. Essa abordagem reduz o tempo dedicado a assuntos que parecem distantes da realidade, alinhando-se com as visões de John Dewey^[66] e Maria Montessori, que enfatizam a importância de ambientes escolares interativos e flexíveis para promover a aprendizagem e a independência dos alunos, destacando a relevância da aprendizagem contextualizada.

Na sequência, apresento o quadro 3 das disciplinas do 2º Semestre/2017 por semestre cursado (roxo), com destaque para as disciplinas cursadas na Esefid (verde) e Faced (vermelho) e um quadro específico, para cada disciplina com as informações do que será discutido adiante.

Quadro 3 - 2º Semestre/2017

Quadro das Disciplinas por Semestre				
Disciplina	Local	Créditos	Semestre	Ano cursado
Desenvolvimento Motor	ESEFID	4	2º	2017/2
Estudos Socioculturais II	ESEFID	4	2º	2017/2
História da Educação: Hist. da Escolarização Bras. e Proc Pedagógicos	FACED	2	2º	2017/2

Fonte: Autora

Em **Desenvolvimento Motor** destacarei o texto *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*.

Quadro 3.1 - 4ª disciplina

Quadro das Disciplinas	
Disciplina	Referências
Desenvolvimento Motor	GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. <i>Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos</i> . AMGH Editora, 2013.
Comparação dos currículos	
Currículo 2017	Currículo Atual
Obrigatória	Obrigatória (3º Semestre)

Fonte: Autora

A disciplina em destaque no quadro 3.1, consta no currículo de 2017 como obrigatória na etapa do 2º semestre e no currículo atual permaneceu obrigatória, modificando-se apenas para o 3º semestre. Neste caso identifica-se que esta disciplina, importantíssima para a Educação Física, apenas teve uma adequação de semestre, tendo ganho um semestre em relação ao amadurecimento por parte dos alunos para realização da mesma, podendo desta forma ser mais bem aproveitada de quando cursada no 2º semestre. Na sequência, desenvolvo melhor o que representou esta disciplina para minha formação, a partir do referencial em destaque.

Williams (1983) relatou que a acuidade visual dinâmica torna-se crescentemente refinada durante três faixas etárias: de 5 a 7, de 9 a 10 e de 11 a 12 anos de idade. Além disso, os meninos demonstram acuidade visual melhor (tanto dinâmica quanto estática) do que as meninas em todas as idades. [...] O fato de as meninas, em geral, estarem atrasadas em relação aos meninos da mesma idade pode, provavelmente, ser atribuído a fatores de socialização (menos oportunidades de prática e menos encorajamento ativo). (Gallahue; Ozmun; Goodway, 2013, p. 361)

Certamente, passou o tempo em que era aceitável que os estereótipos de gênero determinassem o que é possível ou não para meninos e meninas. Não há evidências que comprovem que o sexo biológico limite a aptidão ou o gosto por atividades específicas, sendo crucial desenvolver as habilidades de todas as crianças da mesma forma desde a infância, evitando a exclusão de práticas com base no gênero. Assim, promovemos a

igualdade de oportunidades e incentivamos que cada indivíduo explore seus interesses e potenciais.

A competição não deveria ser introduzida muito precocemente no processo de aprendizado. Pelo fato de a competição determinar vencedores e perdedores, ela pode ser prematura ou excessivamente encorajadora. [...] É melhor adiar situações competitivas até a criança poder avaliar, de forma honesta, suas habilidades, equiparando o êxito ao esforço, ao invés de equipará-lo ao fato de perder ou ganhar. (Gallahue; Ozmun; Goodway, 2013, p. 400-401)

O tema da competição na educação é frequentemente debatido, uma vez que algumas crianças são extremamente competitivas ao ponto até de abalar-se emocionalmente, enquanto outras são desmotivadas pela competição. Os esportes, em sua essência, acabam por serem competitivos, seja em relação a si mesmo ou ao outro, como no atletismo, onde se busca melhorar tempos e distâncias, ou ainda em competições diretas com outras pessoas, como nos esportes coletivos. O que os autores destacam neste trecho se aproxima mais ao meu pensamento, enfatizando a importância da competição, desde que seja introduzida aos poucos conforme a criança vai desenvolvendo uma compreensão mais completa sobre o significado de ganhar e perder. A Educação Física, com sua ênfase nas práticas corporais e no espírito esportivo, pode ser o ambiente ideal para promover a competição de maneira saudável, incentivando o *fair play*, cultivando o respeito pelas regras, pelos adversários e pela ética esportiva, ajudando a desenvolver não apenas habilidades como um todo, mas também valores importantes que podem ser aplicados em diversas áreas da vida.

Segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013 p. 402) “as crianças formam a imagem delas mesmas a partir de palavras, atitudes, linguagem corporal e de avaliações daqueles que estão ao seu redor”, esta informação é muito valiosa para quem lida com crianças, pois segundo Santos (2019, p. 64) “Rótulos considerados positivos são tão prejudiciais quanto os negativos, visto que limitam a existência de quem os recebe...”.

Outro tópico abordado na área docente é a questão dos *feedbacks*, que frequentemente vêm acompanhados de adjetivos que descrevem características ou qualidades de alguém, como quando dizemos: “Você é muito inteligente”. No entanto, é importante perceber que rotular as crianças a partir da perspectiva do adulto pode ser problemático, visto que, de acordo com a abordagem da Educação Não Violenta, a maneira como esses *feedbacks* são utilizados pode ter consequências negativas a longo prazo. Uma forma mais eficaz e saudável são os retornos que se concentrem em seus esforços, progresso e ações específicas promovendo uma mentalidade de crescimento

onde as crianças entendam que podem melhorar através do esforço contínuo. Ao invés de darmos adjetivos às crianças, poderia ser mais recomendável questioná-las se estão compreendendo as atividades para realizá-las, podendo ainda reforçar sua autoestima com base em suas ações e esforços dizendo: “Você fez um ótimo trabalho porque se esforçou e perseverou”, em vez de reforçar rótulos que podem ser limitantes ou prejudiciais a longo prazo.

Em **Estudos Socioculturais II** destacarei o texto *Educação Física na escola: questões e reflexões*.

Quadro 3.2 - 5ª disciplina

Quadro das Disciplinas	
Disciplina	Referências
Estudos Socioculturais II	DARIDO, Suraya Cristina. <i>Educação Física na escola: questões e reflexões</i> . Topázio, 1999.
Comparação dos currículos	
Currículo 2017	Currículo Atual
Obrigatória	Liberadora - Conhecimento, Ensino e Aprendizagem em Educação Física (2º Semestre), Educação Física, Corpo e Diversidade (4º Semestre), Estágio de Docência em Atividades de Extensão (8º Semestre) e Estudos Socioantropológicos e Educação Física (2º Semestre)

Fonte: Autora

Conforme o quadro 3.2, a disciplina em destaque no currículo de 2017 era obrigatória e no currículo atual, quando pesquisada na parte denominada liberações a mesma foi substituída, tornando-se liberadora de quatro disciplinas com nomenclaturas diferentes e em diversas etapas do currículo.

Com isso, essa significativa disciplina em minha formação no currículo de 2017.1, percebo que os estudos socioculturais são uma preocupação emergente que ganha ainda mais espaço no currículo de 2022.1, pois a mesma consta como liberadora de quatro disciplinas. Assim, mesmo sem analisar em profundidade o conteúdo abordado no atual currículo, a mudança aponta corroborando com minhas percepções sobre a disciplina. Desenvolvo melhor, na sequência, o que representou esta disciplina para minha formação, a partir do referencial em destaque.

No modelo militarista, os objetivos da Educação Física na escola eram vinculados à formação de uma geração capaz de suportar o combate, a luta, para atuar na guerra, por isso, era importante selecionar os indivíduos “perfeitos” fisicamente e excluir os incapacitados.

Ambas as concepções, higienista e militarista, da Educação Física consideravam-na como disciplina essencialmente prática, não necessitando, portanto, de uma fundamentação teórica que a desse suporte. Para ensinar Educação Física não era preciso dominar conhecimentos, e sim ter sido um ex-praticante. (Darido, 1999 p. 3)

Conforme Darido (2008), a Educação Física contemporânea ainda carrega vestígios de imposições históricas. A exemplo dos objetivos da Educação Física Escolar no modelo Militarista, com elementos restritivos dos indivíduos que estariam aptos ou não à prática. Além deste fator, tal prática era em detrimento de quaisquer explicações e/ou orientações aos alunos sobre a fundamentação das mesmas e os benefícios que trariam ao sujeito de forma integral. Isso resultou em uma persistente desvalorização da teoria na Educação Física escolar até os dias de hoje. Além disso, a transmissão do conhecimento baseado apenas na experiência prática, sem a devida competência pedagógica, é uma questão controversa que afeta todos os aspectos da Educação Física.

A avaliação do processo de ensino e aprendizagem na abordagem crítico superadora deve ser um momento de reflexão coletiva, envolvendo vários temas; o projeto histórico; as condutas humanas; as próprias práticas avaliativas; as decisões em conjunto; o tempo necessário para a aprendizagem, que é o tempo pedagógico; a compreensão crítica da realidade; a ludicidade e a criatividade; os interesses, necessidades e intencionalidades objetivas e subjetivas. (Darido, 1999 p. 13)

Este tipo de avaliação do processo de ensino e aprendizagem é o que mais me identifiquei. Segundo Fonseca (2016, p. 155) a avaliação tradicional “identificada com princípios quantitativos, onde a função da avaliação está relacionada a classificação dos alunos, tendo em vista sua aprovação ou reprovação ao final de um período letivo”, onde frequentemente os estudantes se veem diante da necessidade de memorizar informações temporariamente para a realização de avaliações e apresentações de trabalhos, o que pode levar a situações de “branco”, causando ansiedade, nervosismo e outros sentimentos desagradáveis. É fundamental que esse processo considere a relação ensino e aprendizagem, sendo avaliados tanto o desempenho do aluno quanto os métodos e estratégias do professor. Portanto, diversificar os métodos, estratégias tanto de trato pedagógico dos conteúdos como também das formas de avaliar pode ser bem significativo para alunos e professores. Especificamente na Educação Física, algumas abordagens pedagógicas propõe a diversificação de métodos de avaliação, autoavaliação, avaliação do professor e das atividades desenvolvidas, transparência dos objetivos e avaliação participativa. Assim, a busca por estratégias avaliativas mais inclusivas e eficazes envolve a consideração cuidadosa das necessidades e estilos de aprendizado dos alunos.

Em **História da Educação: Hist. da Escolarização Bras. e Proc Pedagógicos** destacarei os textos *A maquinaria escolar* e *Mulheres na sala de aula*.

Quadro 3.3 - 6ª disciplina

Quadro das Disciplinas	
Disciplina	Referências
História da Educação: Hist. da Escolarização Bras. e Proc Pedagógicos	VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. <i>A maquinaria escolar. Teoria & educação</i> , v. 6, p. 68-96, 1992.
	LOURO, Guacira Lopes. <i>Mulheres na sala de aula. História das mulheres no Brasil</i> , v. 2, p. 443-481, 1997.
Comparação dos currículos	
Currículo 2017	Currículo Atual
Obrigatória	Obrigatória (5º Semestre)

Fonte: Autora

Segundo o quadro 3.3 apresentado, percebemos que esta disciplina no currículo de 2017 era obrigatória na etapa do 2º semestre e no currículo atual permanece obrigatória, modificando-se apenas para o 5º semestre. Neste caso identifica-se que esta disciplina, importantíssima para a formação de professores, apenas teve uma adequação de semestre, tendo ganho três semestres em relação ao conhecimento adquirido e ao amadurecimento por parte dos alunos para realização da mesma, podendo desta forma ser mais bem aproveitada de quando cursada no 2º semestre. Na sequência, desenvolvo melhor o que representou esta disciplina para minha formação, a partir dos referenciais em destaque.

Nos colégios de jesuítas, por exemplo, não funcionava a separação por idades em princípio: a entrada podia se fazer desde os 6 até os 12 anos e era o nível de instrução, marcado sobretudo pelo nível de conhecimento do latim, que servia para agrupar pequenos e maiores. Mas, pouco a pouco, graduam-se mais os ensinamentos e separam-se os maiores dos pequenos fundamentalmente por razões morais e de disciplina. (Varela; Alvarez-Uria, 1992 p. 72)

Algumas escolas que adotam abordagens não-tradicionais atualmente, optam por integrar crianças de diferentes idades, já na abordagem tradicional, a premissa é que crianças de idades semelhantes estejam em estágios de desenvolvimento comparáveis. Contudo, é importante notar que as crianças também aprendem por meio da observação, portanto, a meu ver e a depender da faixa etária, a integração de diferentes idades pode ser benéfica, visto também que muitas vezes os recreios são mistos.

Quando procuramos por práticas fora do ambiente escolar na infância, é comum encontrarmos grupos divididos por níveis, com limites etários definidos. Na sociedade em geral, interagimos com pessoas de idades distintas, o que nos permite aprender tanto com pessoas mais jovens quanto com as mais experientes, em um parque por exemplo as crianças interagem com outras de diversas idades.

Meu objetivo aqui é simplesmente promover uma reflexão sobre essa divisão preestabelecida que persiste há décadas, uma vez que, em minha percepção, o processo de ensino e aprendizagem, no contexto da escolarização, pode ser mais efetivo ao contemplar demandas contemporâneas.

A Educação Física, como componente curricular obrigatório da Educação Básica (Brasil, 2003, p.11)¹², pode desempenhar um papel importante na promoção de atividades integrativas, como por exemplo as gincanas e os jogos interclasses ou ainda interescolares, que possibilitam trocas significativas no ambiente escolar, sendo uma excelente ilustração do que está sendo debatido aqui.

Outra temática abordada na disciplina refere-se às questões étnico raciais na contemporaneidade. No contexto do modelo Jesuíta, essas questões não eram consideradas, já que os indivíduos em questão nem sequer eram reconhecidos quanto ao acesso a oportunidades educacionais. Embora não seja aprofundado esse debate aqui, é importante notar que essa comunidade continua a lutar, até os dias de hoje, por espaços que lhe foram negados ao longo de todo o processo educacional no Brasil, desde o século XVII.

Historicamente, segundo Louro (2020, p. 445), “Para a população de origem africana, a escravidão significava uma negação do acesso a qualquer forma de escolarização.” e ainda, “Algo semelhante se passava com os descendentes indígenas [...]”, a partir destas considerações conseguimos desenvolver uma compreensão breve das exclusões de acesso a escolarização de grupos específicos.

Para Louro (2020, p. 447) “Ainda que o reclamo por educação feminina viesse a representar, sem dúvida, um ganho para as mulheres, sua educação continuava a ser justificada por seu destino de mãe”. Tradicionalmente, o papel da mulher é associado ao destino de ser mãe, muitas vezes baseado em concepções religiosas, como o catolicismo. No entanto, hoje em dia, a reprodução pode ocorrer de diversas maneiras, e as mulheres têm o direito de escolher se querem ou não ser mães. Infelizmente, as responsabilidades paternas nem sempre recebem a mesma atenção. Esse viés cultural tem levado a muitos

¹² https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm

casos de abandono paterno, o que tem impactos significativos no desenvolvimento das crianças e sobrecarrega as mães. Quando menciono abandono paterno, não me refiro apenas aos pais que desaparecem, mas também aos que permanecem, mas assumem poucas ou quase nenhuma responsabilidade em relação aos filhos.

Na educação, segundo Louro (2020, p. 458), “[...] passa-se a considerar o afeto como fundamental e a vê-la como 'ambiente facilitador' da aprendizagem”. O afeto descrito aqui, é associado apenas às professoras, com base na ideia de seu instinto maternal. No entanto, essa divisão de gênero não deveria estar ligada a pensamentos arcaicos, mas sim às experiências e trajetórias de vida individuais.

Na sequência, apresento o quadro 4 da disciplina do 1º Semestre/2018 por semestre cursado (azul), com destaque em vermelho para a disciplina cursada na Faced e um quadro específico da disciplina com as informações do que será discutido adiante.

Quadro 4 - 1º Semestre/2018

Quadro das Disciplinas por Semestre				
Disciplina	Local	Créditos	Semestre	Ano cursado
Mídia e Tecnologias Digitais em Espaços Escolares	FACED	2	-	2018/1

Fonte: Autora

Em **Mídia e Tecnologias Digitais em Espaços Escolares** destacarei o texto *Psicologia e educação: o significado do aprender*.

Quadro 4.1 - 7ª disciplina

Quadro das Disciplinas	
Disciplina	Referências
Mídia e Tecnologias Digitais em Espaços Escolares	LA ROSA, Jorge. <i>Psicologia e educação: o significado do aprender</i> . Edipucrs, 2001.
Comparação dos currículos	
Currículo 2017	Currículo Atual
Eletiva	Não Encontrada com essa nomenclatura, provável alteração para Mídias, Tecnologias Digitais e Educação: Processos e Métodos da Aprendizagem ainda Eletiva

Fonte: Autora

No quadro 4.1, no currículo de 2017 a disciplina em destaque era eletiva, as súmulas de disciplinas do atual currículo não foram verificadas, porém, quando pesquisada no currículo vigente na parte denominada liberações, não foi encontrada com esta nomenclatura específica, tendo uma possível alteração para outra nomenclatura conforme segue no quadro.

Neste caso identifica-se que esta disciplina, que foi significativa para minha formação no currículo de 2017.1, com alteração de nome no currículo de 2022.1, sendo a mesma disciplina, me parece ter tido uma ampliação de seus conhecimentos a partir apenas de seu nome. Desenvolvo melhor, na sequência, o que representou esta disciplina para minha formação, a partir do referencial em destaque.

Ricardo, aluno da primeira série fundamental, em sala de aula, faz uma pergunta que é elogiada pelo professor, porque permite esclarecer ainda mais o assunto. [...] Suponha-se, contudo, a situação inversa: Ricardo faz a pergunta e o professor a desqualifica como fora do assunto e a ridiculariza, o que se constitui em punição. [...] É provável que tal comportamento, o de inquirir, seja inibido em toda a classe, graças ao comportamento do professor. (La Rosa, 2001 p. 89)

Na área da psicologia, muitos estudos abordam as consequências do reforço positivo e negativo nos seres humanos e/ou animais. No entanto, é notável que, no contexto escolar, muitos professores ainda tenham conhecimento limitado sobre este tema. Além disso, é importante destacar que o poder exercido pelo professor, tanto nas escolas quanto nos cursos de formação de professores, pode ser mal utilizado em alguns casos, quando na verdade deveria ser direcionado ao ensino, Freire (2022, p. 30) diz que “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, precisamos tratar nossas crianças como gostaríamos de ser tratados, com dignidade e empatia.

O sucesso na aprendizagem é uma responsabilidade compartilhada entre professor e aluno. Se um aluno está com dificuldades, há várias possíveis razões para isto, como a falta de empenho, problemas pessoais, desafios de aprendizagem ou ainda a não adequação aos métodos avaliativos. É fundamental que os professores busquem entender esses problemas e auxiliar os alunos dentro do possível. Se uma maioria significativa dos alunos enfrenta dificuldades, é necessário que o professor reavalie seus métodos de ensino, explicação e avaliação.

Piaget nos mostra que nos jogos coletivos e em todas as atividades sociais dentro e fora da classe, as crianças são capazes de se imporem regras às quais respeitam com mais consciência e convicção do que quando o adulto lhes impõe ordens; as crianças elaboram todo um sistema de ajuda mútua baseado na solidariedade e num sentimento de justiça próprio e diferenciado do adulto. (La Rosa, 2001 p. 115-116)

As regras devem ser estabelecidas de comum acordo para que tenham significado e possam ser reforçadas quando não são seguidas, sendo necessário, por vezes, ser lembradas. Uma possibilidade é representar todas as regras gerais por meio de desenhos, que as próprias crianças podem criar, sendo exibidos juntamente com os nomes

das regras, visíveis a todos. Além disso, nos jogos, brincadeiras e até nos esportes, é possível envolver as crianças na formulação das regras, com supervisão do professor, visando proporcionar uma experiência mais prazerosa, tornando o aprendizado mais envolvente e significativo para todos os participantes.

Para Piaget o jogo desenvolve as percepções da criança, sua inteligência e sua tendência à experimentação. Por esta razão, quando o jogo é utilizado na iniciação à leitura, ao cálculo ou à ortografia, verifica-se que as crianças se envolvem com eles e com isto a aprendizagem de conteúdos formais é facilitada. (La Rosa, 2001 p. 117)

A Educação Física tem experimentado uma redução significativa de carga horária nas escolas à medida que os alunos se aproximam da conclusão de sua educação básica. Dado o contexto atual, onde a mesma possui seus próprios conteúdos, pode não ser a abordagem mais apropriada incorporar conhecimentos específicos de outras disciplinas a ela. Porém, uma abordagem de integrar mais movimento às crianças e jovens e facilitar a aprendizagem dos conteúdos formais ditos por Piaget, é a partir da codocência. Isso envolve a colaboração de professores de diferentes disciplinas para criar aulas interdisciplinares que explorem conexões entre a Educação Física e outras matérias, enriquecendo a experiência de aprendizado dos alunos e tornando o ensino mais envolvente.

Na sequência, apresento o quadro 5 da disciplina do 2º Semestre/2018 por semestre cursado (roxo), com destaque em vermelho para a disciplina cursada na Faced e um quadro específico da disciplina com as informações do que será discutido adiante.

Quadro 5 - 2º Semestre/2018

Quadro das Disciplinas por Semestre				
Disciplina	Local	Créditos	Semestre	Ano cursado
Intervenção Pedagógica e Necessidades Educativas Especiais	FACED	2	-	2018/2

Fonte: Autora

Em **Intervenção Pedagógica e Necessidades Educativas Especiais** destacarei o texto *Educação especial: história, etiologia, conceitos e legislação vigente*.

Quadro 5.1 - 8ª disciplina

Quadro das Disciplinas	
Disciplina	Referências
Intervenção Pedagógica e Necessidades Educativas Especiais	RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim; MARANHE, Elisandra; CAPELLINI, Vera. Educação especial: história, etiologia, conceitos e legislação vigente. 2008. v. 30, 2020.

Comparação dos currículos	
Currículo 2017	Currículo Atual
Eletiva	Não Encontrada

Fonte: Autora

Segundo o quadro 5.1 a disciplina está situada no currículo de 2017 como eletiva, as súmulas de disciplinas do atual currículo não foram verificadas, porém, quando pesquisada no currículo vigente na parte denominada liberações, não foi encontrada com esta nomenclatura específica. Neste caso identifica-se que esta disciplina, significativa para minha formação quanto a intervenção pedagógica e necessidades educativas especiais, que já tinha seu espaço limitado sendo uma disciplina eletiva e com tema pouco discutido no currículo de 2017.1, perdeu seu espaço, não sendo encontrada no currículo de 2022.1. Desenvolvo melhor, na sequência, o que representou esta disciplina para minha formação, a partir do referencial em destaque.

Segundo Rodrigues, Maranhe & Capellini (2020, p. 9), “Martinho Lutero defendia que pessoas com deficiência mental eram seres diabólicos que mereciam castigos para serem purificados” e ainda que “[...] considerava sinais de malformação física ou mental como ligação com o demônio, o que levou muitas das pessoas com estas deficiências a fogueira da inquisição”. Essas afirmações revelam uma perspectiva lamentável que foi prevalente em épocas passadas e que, de certa forma, persiste até os dias atuais.

Até recentemente, os pais de crianças com deficiências muitas vezes as mantinham escondidas por vergonha ou medo das repercussões sociais que poderiam enfrentar caso fossem descobertas. Isso lançou uma sombra duradoura sobre a compreensão das deficiências na sociedade.

Hoje, apesar de certos avanços, ainda permanecem práticas e concepções ultrapassadas do lugar a ser ocupado pelas pessoas deficientes em nossa sociedade. O sistema educacional ainda enfrenta desafios diante dessa urgência. Isso se reflete em minha própria experiência, com um currículo universitário que oferece poucas disciplinas obrigatórias e eletivas relacionadas ao tema e com oportunidades limitadas de discussão sobre essa questão ao longo de minha educação escolar, com impacto na prática pedagógica quando nos deparamos com situações de inclusão durante os estágios obrigatórios.

Essa situação ressalta a importância de uma maior conscientização e educação sobre questões relacionadas a deficiências para promover uma sociedade mais inclusiva e informada.

Na sequência, apresento o quadro 6 da disciplina do 2º Semestre/2020 por semestre cursado (azul), com destaque em vermelho para a disciplina cursada na Faced e um quadro específico da disciplina com as informações do que será discutido adiante.

Quadro 6 - 2º Semestre/2020

Quadro das Disciplinas por Semestre				
Disciplina	Local	Créditos	Semestre	Ano cursado
Educação Contemporânea: Currículo, Didática, Planejamento	FACED	4	-	2020/2

Fonte: Autora

Em **Educação Contemporânea: Currículo, Didática, Planejamento** destacarei o texto *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*.

Quadro 6.1 - 9ª disciplina

Quadro das Disciplinas	
Disciplina	Referências
Educação Contemporânea: Currículo, Didática, Planejamento	TADEU, Tomaz. <i>Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo</i> . Autêntica, 2016.
Comparação dos currículos	
Currículo 2017	Currículo Atual
Eletiva	Não Encontrada

Fonte: Autora

No quadro 6.1 a disciplina em destaque no currículo de 2017, era eletiva, as súmulas de disciplinas do atual currículo não foram verificadas, porém, quando pesquisada no currículo vigente na parte denominada liberações, não foi encontrada com esta nomenclatura específica. Neste caso identifica-se que esta disciplina, extremamente significativa para minha formação docente, que já tinha seu espaço limitado sendo uma disciplina eletiva no currículo de 2017.1, perdeu ainda mais seu espaço, não sendo encontrada no currículo de 2022.1. Desenvolvo melhor, na sequência, o que representou esta disciplina para minha formação, a partir do referencial em destaque.

Sobre a representatividade do texto destacado, para a disciplina de Educação Contemporânea: Currículo, didática e planejamentos. Alguns conceitos trabalhados levaram a reflexões sobre a validade do conhecimento e mesmo dos certificados e títulos acadêmicos que vamos acumulando durante a vida, principalmente na vida acadêmica. Com isso, discuto sobre o reconhecimento dado pela sociedade mais ampla ao conhecimento escolar, acadêmico ou científico, a partir dos sujeitos que estariam autorizados a tratar e mediar tal conhecimento.

Conforme observa Silva (2016, p. 34), “A cultura pode existir também sob a forma de títulos, certificados e diplomas [...]”. Essa realidade é amplamente visível nos dias de hoje, em que a posse de tais documentos muitas vezes é usada como critério para atribuir valor à palavra de alguém. Quando uma pessoa não possui essas credenciais, frequentemente enfrenta questionamentos, como “Qual é a sua formação” ou “Qual o seu nível acadêmico?”.

Mesmo quando alguém demonstra um conhecimento sólido sobre um determinado assunto, mesmo que adquirido fora de um ambiente acadêmico ou técnico formal, essa pessoa pode ser alvo de desconfiança. A sociedade frequentemente subestima o conhecimento de indivíduos que não possuem essas credenciais, o que resulta na desvalorização de suas opiniões e experiências.

Silva (2016, p. 46) argumenta que, “A seleção que constitui o currículo é o resultado de um processo que reflete os interesses particulares das classes e grupos dominantes.” Isso me faz questionar quais seriam esses interesses, no entanto me parece que um deles é a permanência no poder dessas classes e grupos dominantes e muitas vezes, para perpetuar esse controle, há uma tendência a não estimular o pensamento crítico.

Conseqüentemente, Silva (2016 p. 49) questiona: “Quais grupos se beneficiam e quais grupos são prejudicados pela forma como o currículo está organizado?”. Explorar essa questão nos permite entender melhor como as decisões sobre a educação podem impactar diferentes segmentos da sociedade, destacando a necessidade de avaliar criticamente como o currículo é desenvolvido e implementado.

Nesta direção, questões emergentes e presentes na atualidade, como a desigualdade de gênero, embora tenha havido avanços em estudos relacionados a esse tema, ainda existem desafios na elaboração e implementação de currículos e na prática pedagógica.

O feminismo vinha mostrando, com força cada vez maior, que as linhas do poder da sociedade estão estruturadas não apenas pelo capitalismo,

mas também pelo patriarcado. De acordo com essa teorização feminista, há uma profunda desigualdade dividindo homens e mulheres, com os primeiros apropriando-se de uma parte gritantemente desproporcional dos recursos materiais e simbólicos da sociedade. Essa repartição desigual estende-se, obviamente, à educação e ao currículo. (Silva, 2016 p. 91-92)

Essa desigualdade se manifesta de diversas maneiras, incluindo a falta de acesso a absorventes, um problema destacado no documentário “Absorvendo o Tabu”. Em lugares como a Índia, meninas enfrentam desafios significativos quando se trata de obter absorventes, o que resulta em faltas frequentes à escola, tendo um impacto indireto, mas significativo, a médio e longo prazo, na continuidade de meninas na educação básica e também no âmbito profissional, no qual os homens ainda desfrutam de certos privilégios.

Ainda sobre esta perspectiva, algumas crenças religiosas consideram a menstruação como impura, o que leva à restrição da participação das meninas na escola durante esse período. Isso cria um desequilíbrio no processo de aprendizagem, considerando que, em um ano escolar típico de 9 meses, uma menina pode perder aproximadamente 2 meses de aulas devido a menstruação. Essa disparidade prejudica a igualdade de oportunidades educacionais entre meninos e meninas.

A divisão de profissões, esportes e outros campos em termos de gênero é prejudicial às partes envolvidas. Na atualidade a diversidade de gênero é um dos grandes desafios a serem enfrentados no contexto da sociedade e, em consequência nas instituições de ensino. Com isso, certos estereótipos que desembocam em violências das mais diversas ordens, sentidas nos ambientes educativos, têm limitado o acesso, permanência e trajetória de pessoas por não estarem nos padrões heteronormativos estabelecidos por uma sociedade preconceituosa e discriminatória. Portanto, é fundamental desafiar esses estereótipos de gênero e promover a igualdade de oportunidades, permitindo que cada indivíduo siga seus interesses e talentos, sem preconceito ou discriminação, e contribuir para reduzir a perpetuação desses estereótipos no ambiente escolar.

A sexualidade, embora fortemente presente na escola, raramente faz parte do currículo. Quando a sexualidade é incluída no currículo, ela é tratada simplesmente como uma questão de informação certa ou errada, em geral ligada a aspectos biológicos e reprodutivos. (Silva, 2016 p. 108).

Acredito ser importante a inclusão de temas relacionados à sexualidade nos currículos escolares, possivelmente incorporados à educação sexual, uma vez que essas questões são relevantes para crianças e jovens e podem surgir em qualquer disciplina,

exigindo, por vezes, uma intervenção pedagógica. Portanto, é necessário que haja uma orientação mais precisa na formação de professores para abordar esses tópicos devido à sua natureza controversa.

Além disso, os possíveis objetivos dessa inclusão, envolvem a transmissão de conhecimentos como a prevenção de doenças e infecções sexualmente transmissíveis, bem como a gravidez indesejada, o combate a preconceitos e estereótipos e a proteção contra abusos físicos ou emocionais, desempenhando um papel fundamental ao capacitar as crianças e adolescentes a se protegerem em todas as idades.

Na sequência, apresento o quadro 7 das disciplinas do 1º Semestre/2021 por semestre cursado (roxo), com destaque em verde para as disciplinas cursadas na Esefid e um quadro específico, para cada disciplina com as informações do que será discutido adiante.

Quadro 7 - 1º Semestre/2021

Quadro das Disciplinas por Semestre				
Disciplina	Local	Créditos	Semestre	Ano cursado
Fundamentos da Educação Física Especial	ESEFID	4	4º	2021/1
Fundamentos da Educação Física na Educação Infantil	ESEFID	3	4º	2021/1

Fonte: Autora

Em **Fundamentos da Educação Física Especial** destacarei no quadro 7.1 o texto *Educação Física Inclusiva e Autismo: perspectivas de pais, alunos, professores e seus desafios*.

Quadro 7.1 - 10ª disciplina

Quadro das Disciplinas	
Disciplina	Referências
Fundamentos da Educação Física Especial	SCHLIEMANN, André; ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edison. Educação Física Inclusiva e Autismo: perspectivas de pais, alunos, professores e seus desafios. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 34, n. Esp., p. 77-86, 2020.
Comparação dos currículos	
Currículo 2017	Currículo Atual
Obrigatória	Obrigatória (3º Semestre) - Fundamentos da Educação Física Inclusiva

Fonte: Autora

Num primeiro momento, destaco que esta disciplina, no currículo de 2017, era obrigatória na etapa do 4º semestre e no currículo atual permaneceu obrigatória,

modificando-se apenas para o 3º semestre com uma modificação em sua nomenclatura. Neste caso identifica-se que esta disciplina importantíssima na Educação Física especial, apenas teve uma adequação de semestre, sendo puxada para um semestre abaixo, não havendo grandes implicações nisto a meu ver. Na sequência, desenvolvo melhor o que representou esta disciplina para minha formação, a partir do referencial em destaque.

Apesar de não fazerem parte dos critérios diagnósticos, evidências em relatos clínicos e acadêmicos sugerem a presença consistente e pronunciada de dificuldades motoras nos indivíduos com TEA. Estas se revelam em prejuízos no equilíbrio e controle postural, no planejamento e encadeamento de ações motoras, na imitação de ações e gestos, na coordenação motora global e fina, nas atividades locomotoras e na marcha atípica na ponta dos pés. (Schliemann; Alves; Duarte, 2020 p. 77)

Embora não seja responsabilidade do professor (educação física ou de outros componentes curriculares) estabelecer diagnósticos para o processo de inclusão ser legítimo, os professores precisam receber um histórico destas crianças e jovens, para que o trabalho seja mais efetivo. Além disso, é necessário o suporte, previsto por lei, de um professor auxiliar e especialista, a depender do grau de severidade do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Nesta direção, identificar sinais de dificuldades no desenvolvimento é um passo importante, pois possibilita a implementação de estratégias que visam apoiar a criança e ajudá-la a alcançar seu potencial máximo, reduzindo assim as disparidades no desenvolvimento. Essa abordagem sensível pode trazer benefícios significativos para o progresso e bem-estar da criança.

[...]o estudo também identificou o tema da exclusão com relatos de duas situações distintas. Uma onde os estudantes mencionaram que foram excluídos da atividade pelo próprio professor e outra onde os próprios alunos solicitavam sua exclusão das atividades por não se sentirem hábeis para realizar as tarefas propostas ou para participar de jogos, principalmente, daqueles que envolviam o contato com bolas. (Schliemann; Alves; Duarte, 2020 p. 79-80)

Sem dúvida, o conhecimento desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão e na capacidade de intervir quando ocorrem situações de exclusão. Para garantir que as atividades sejam acessíveis a todos, é importante adaptar abordagens de ensino para acomodar as diversas formas de aprendizado e necessidades individuais dos alunos. Além disso, o conhecimento permite identificar e abordar comportamentos excludentes por parte de outros colegas, promovendo um ambiente mais acolhedor e respeitoso para todos. Sendo os educadores responsáveis por criar um ambiente de aprendizagem

inclusivo e promover a sensibilização em relação à diversidade e às necessidades individuais dos alunos.

Em **Fundamentos da Educação Física na Educação Infantil** destacarei três referências, *Da infância sem valor à infância de direitos: diferentes construções conceituais de infância ao longo do tempo histórico*, *A cultura infantil e a relação com os saberes da Educação Física na escola* e *Disciplina positiva: O guia clássico para pais e professores que desejam ajudar as crianças a desenvolver autodisciplina, responsabilidade, cooperação e habilidades para resolver problemas*.

Quadro 7.2 - 11ª disciplina

Quadro das Disciplinas	
Disciplina	Referências
Fundamentos da Educação Física na Educação Infantil	FURLANETTO, Beatriz Helena. <i>Da infância sem valor à infância de direitos: diferentes construções conceituais de infância ao longo do tempo histórico</i> . In: VIII Congresso Nacional de Educação-EDUCERE. 2008.
	TONIETTO, Marcos Rafael; GARANHANI, Marynelma Camargo. <i>A cultura infantil e a relação com os saberes da Educação Física na escola</i> . Movimento, p. 517-528, 2017.
	NELSEN, Jane. <i>Disciplina positiva: O guia clássico para pais e professores que desejam ajudar as crianças a desenvolver autodisciplina, responsabilidade, cooperação e habilidades para resolver problemas</i> . Editora Manole, 2015.
Comparação dos currículos	
Currículo 2017	Currículo Atual
Obrigatória	Obrigatória - 5º Semestre

Fonte: Autora

Neste quadro 7.2, verifica-se que a disciplina no currículo de 2017 era obrigatória na etapa do 4º semestre e no currículo atual permaneceu obrigatória, modificando-se apenas para o 5º semestre. Neste caso identifica-se que esta disciplina importantíssima em minha formação, apenas teve uma adequação de semestre, sendo realocada para um semestre acima, não havendo grandes implicações nisto a meu ver. Na sequência,

desenvolvo melhor o que representou esta disciplina para minha formação, a partir do referencial em destaque.

As idéias de Froebel se difundem por todo o mundo ao longo dos séculos XIX e XX, e o jardim-de-infância, apesar de ter sido criado com o intuito de educar as crianças alemãs de 3 a 6 anos cujas famílias tivessem poucos recursos, chega ao Brasil como um estabelecimento típico da classe dominante. Assim, historicamente surgem duas modalidades de atendimento às crianças de 0 a 6 anos no Brasil: os jardins-de-infância para crianças abastadas e as creches ou escolas maternas que prestavam assistência e educavam as crianças com menos recursos financeiros. (Furlanetto, 2008 p. 2711)

A diferenciação entre essas duas modalidades de ensino está ligada aos níveis socioeconômicos. Na educação, quando os alunos são separados com base nas condições financeiras, isso pode levar a discrepâncias significativas nos níveis educacionais. Esta divisão não apenas influencia o acesso a recursos educacionais como afeta a qualidade da educação, podendo futuramente ser divergentes as oportunidades disponíveis para os estudantes. Portanto, é fundamental reconhecer que as disparidades socioeconômicas podem ter um impacto profundo na equidade educacional.

[...] imagens distintas da criança: como uma *tabula rasa*, como ser vulnerável, [...] vista como fraca [...], que necessita de proteção, apoio, orientação e desenvolvimento. Mas, há também, um outro conjunto de conceituações de crianças pequenas, no qual as crianças são vistas como cidadãos com direitos, membros de um grupo social e co-constructores do conhecimento, identidade e cultura. [...] há crianças inseridas em realidades sociais diversas, cujo desenvolvimento, tanto físico como psicológico e intelectual, é influenciado pelas condições do meio ambiente em que vivem, pela classe social e pela cultura familiar. Assim, podemos afirmar que coexistem, na atual sociedade brasileira, múltiplas compreensões de infância. (Furlanetto, 2008 p. 2714)

As múltiplas compreensões de infância apresentadas incluem, primeiro a visão da criança como alguém sem conhecimento prévio, pronta para ser preenchida com informações e conteúdos, desenvolvida pela educação e pelo ambiente ao seu redor, vista assim como vulnerável e em segundo, como um indivíduo com voz ativa em sua própria educação sendo mais participativa e inclusiva. No entanto, ao longo do texto, também é mencionado o “adulto em miniatura”, que envolve crianças com diversas responsabilidades e que podem adotar comportamentos ou vestimentas semelhantes aos dos adultos, ao qual em minha perspectiva seria uma terceira visão sobre a infância.

Além disso, as condições em que as crianças vivem, incluindo seu ambiente e classe social e sua cultura familiar, exercem um impacto significativo em seu

desenvolvimento, enfatizando a complexidade das perspectivas sobre a infância e a importância de reconhecer a influência de fatores externos em seu desenvolvimento.

Com o passar do tempo, é possível que a educação evolua para uma compreensão mais abrangente das infâncias, reconhecendo tanto a autonomia das crianças que têm seus próprios desejos, pensamentos e um papel ativo em seu desenvolvimento, quanto a necessidade de orientação e instrução para compreender as possíveis consequências de suas ações.

[...] a linguagem utilizada pelas crianças não é apenas a oralidade, mas outras formas de comunicação, como os desenhos, a fala e os sons, os gestos e as movimentações do corpo. (Tonietto; Garanhani, 2017 p. 520)

É de suma importância mantermos uma atenção a possíveis indicativos nas crianças, seja por meio de sua linguagem oral, expressões corporais ou até mesmo em suas produções artísticas, como desenhos. Esses sinais podem revelar uma variedade de desafios, que vão desde questões relacionadas a valores e interações sociais, situações de abuso ou dificuldades familiares, até distúrbios ou transtornos que podem surgir durante a infância. Reconhecer esses indícios é crucial para que possamos fornecer apoio e a assistência necessária para auxiliar as crianças em suas jornadas de desenvolvimento.

Rigidez (controle excessivo)	<ul style="list-style-type: none">▪ Ordem sem liberdade▪ Sem escolhas▪ “Você faz isso porque eu mando”
Permissividade (sem limites)	<ul style="list-style-type: none">▪ Liberdade sem ordem▪ Escolhas ilimitadas▪ “Você pode fazer o que quiser”
Disciplina Positiva (autêntico; gentileza e firmeza ao mesmo tempo)	<ul style="list-style-type: none">▪ Liberdade com ordem▪ Escolhas limitadas▪ “Você pode escolher dentro dos limites que demonstrem respeito por todos”

Fonte: Nelsen (2015, p. 5)

Nelsen (2015) apresenta três principais abordagens para a interação adulto-criança, que podem ser aplicadas tanto na criação dos filhos como no desenvolvimento das crianças em aula, apresentando a rigidez caracterizada pelo controle excessivo como vemos na educação tradicional, a permissividade, que envolve a ausência de limites, e o caminho do meio, representado pela Disciplina Positiva, que combina gentileza e firmeza, permitindo liberdade dentro opções limitadas.

Muitas pessoas têm convicção que rigidez e punição funcionam. Eu concordo. Eu nunca diria que punição não *funciona*. Punição *funciona* se pensarmos que, em geral, ela interrompe o *mau comportamento* imediatamente. Mas quais são os resultados em longo prazo? Somos com frequência enganados pelos resultados imediatos. Algumas vezes temos que *estar atentos ao que funciona* quando os resultados em longo prazo são negativos. Os resultados em longo prazo da punição são que as crianças, em geral, adotam um ou os Quatro R da Punição:

Os Quatro R da Punição

1. Ressentimento - “Isso não é justo. Eu não posso confiar nos adultos.”
2. Retaliação - “Eles estão ganhando agora, mas eu vou me vingar.”
3. Rebeldia - “Eu vou fazer exatamente o contrário para provar que eu não tenho que fazer do jeito deles.”
4. Recuo
 - a. Dissimulação - “Eu não vou ser pego da próxima vez.”
 - b. Redução da autoestima - “Eu sou uma pessoa ruim.” (Nelsen, 2015, p. 9-10)

A Disciplina Positiva enfatiza a importância de considerar os resultados a curto e longo prazo no que diz respeito à educação das crianças. Isso ressalta a maneira pela qual estratégias de curto prazo, como a rigidez¹³ e o uso de castigos, podem ser prejudiciais às crianças, podendo resultar em problemas psicológicos e de autoestima que podem perdurar até a idade adulta.

Convido você a refletir brevemente sobre como nos sentimos quando somos punidos, insultados ou humilhados de alguma forma. Agora, imagine isso acontecendo durante a infância, quando nosso cérebro ainda está em desenvolvimento, muitas vezes por pessoas em quem confiamos, como nossos cuidadores ou professores, ou qualquer figura de autoridade que possa ter nos tratado dessa maneira. Na minha reflexão pessoal, recordo vividamente os sentimentos relacionados aos quatro Rs da punição e concluo que, se ela pode causar traumas, não é a abordagem mais apropriada.

Como afirma Nelsen (2015, p. 10), “De onde nós tiramos a ideia absurda de que, para levar uma criança a agir melhor, antes precisamos fazê-la se sentir pior?” e também (p. 11) “Crianças não desenvolvem características positivas baseadas em sentimentos e decisões subconscientes que resultam da punição”. Dada essa perspectiva, fica nítido que a abordagem punitiva não é a mais adequada quando lidamos com crianças, ou em qualquer estágio da vida.

Portanto, é essencial desenvolvermos estratégias gentis para criar um ambiente saudável e acolhedor que promova a aprendizagem.

¹³ No link a seguir há um vídeo complementar comportamental através da rigidez:
https://www.youtube.com/watch?v=7FC4qRD1vn8&ab_channel=UWI-LABS

A forma mais popular de controle excessivo usada por pais e professores é um sistema de *recompensas* e *castigos*. Nesse sistema, os adultos precisam ver as crianças sendo *boas* para que possam das recompensas, ou flagrá-las sendo *más* para dar castigo. (Nelsen, 2015, p. 12)

Além dos castigos, temos as recompensas, que representam uma estratégia oposta, onde não há punição, mas o condicionamento da obtenção da recompensa à realização da tarefa ou ao comportamento desejado. Embora essa abordagem possa parecer menos severa, ela também pode ser uma forma de controle comportamental.

Uma preocupação ao uso excessivo de recompensas é que pode resultar na criação de uma dependência do sistema de reforço, podendo afetar a motivação intrínseca das crianças, tornando-as menos propensas a se envolverem nas atividades por seu próprio interesse, mas sim pelo desejo de obter recompensas.

Quando as pessoas estão chateadas, elas acessam seus cérebros primitivos, para os quais as únicas opções são brigar (lutas por poder) ou fugir (desistência e falta de comunicação). Não é possível pensar racionalmente a partir do cérebro primitivo. Nós dizemos coisas pelas quais depois nos arrependemos. A única medida que faz sentido é se acalmar até que você possa acessar seu cérebro racional antes de enfrentar um problema. (Nelsen, 2015, p. 14)

Quando pensamos em nossas aulas, essa afirmação é igualmente relevante tanto para alunos quanto para professores. Em situações em que reações emocionais podem ser desencadeadas por comportamentos inaceitáveis, é crucial reconhecer que nossas emoções podem nos levar a agir impulsivamente, piorando o cenário.

Portanto, é essencial fazer uma pausa, respirar fundo e acalmar as emoções antes de abordar qualquer situação desafiadora. Da mesma forma, quando notamos que os alunos estão emocionalmente exaltados, devemos acolhê-las e tranquilizá-las para entendermos melhor a situação e encontrar soluções eficazes.

7. PERCEPÇÕES DE UMA FUTURA PROFESSORA: ressignificando a prática pedagógica

Com base nos registros e análises feitos neste estudo, é possível fazermos algumas considerações. Ressalto que a Educação é um campo de atuação, cuja prática é social e intencional, direcionada para sujeitos que refletem e atuam a partir do que são instruídos e orientados a partir de suas vivências, na Educação Física as experiências corporais podem ser transformadoras. Assim, a profissão de professor é permeada por desafios e, portanto, é uma atividade complexa. O currículo desempenha um papel fundamental na construção do conhecimento, de habilidades e valores dos estudantes. Desse modo, é fundamental que os educadores e os responsáveis pela elaboração de currículos

considerem uma série de fatores relevantes nas quais foram comentadas brevemente ao longo deste estudo como por exemplo a Disciplina Positiva e a Educação Não Violenta, dentre outros.

A diversidade e a inclusão devem ser pilares fundamentais na elaboração e implementação de currículos, sendo necessário refletir sobre os sujeitos aprendentes que estão nas diversas etapas e modalidades do ensino. Isso inclui considerar a diversidade étnica, cultural, de gênero, orientação sexual, dentre outros elementos que cotidianamente lançam desafios aos professores em atuação.

Além disso, como documento vivo e dinâmico, o currículo precisa ser constantemente revisitado e atualizado, pois acompanha o movimento da sociedade mais ampla, seus desafios e mudanças. O mundo está em constante evolução, e os professores são os grandes responsáveis em mediar a transição dos alunos da vida privada, no seio das famílias, para a vida pública, mais precisamente para o mundo do trabalho. Para isso, os alunos precisam ser auxiliados pelos professores a desenvolver o pensamento crítico e reflexivo sobre a vida em sociedade empoderando-se dos conhecimentos e práticas necessárias para interação nas relações sociais que cerceiam seus direitos de cidadão neste mundo.

Outro aspecto importante é a abordagem pedagógica. Não basta apenas ter um currículo abrangente, é crucial também adotar métodos de ensino que estimulem o engajamento dos alunos e promovam a compreensão profunda dos conceitos. Isso envolve a aplicação de estratégias pedagógicas ativas, colaborativas e centradas no aluno.

Em resumo, o estudo apresentado procurou responder a seguinte questão problema “As referências sugeridas nas disciplinas do Curso de Licenciatura em Educação Física, de base teórico-metodológica, possibilitam refletir e atuar por meio de práticas pedagógicas não-tradicionais?”. Em minha percepção a resposta é sim, pois acredito que se não houvesse referências específicas sugeridas nas disciplinas que possibilitassem a reflexão para atuação por meio de práticas pedagógicas não-tradicionais, este tema sequer seria pensado como tema de pesquisa por mim. No entanto, acredito que ainda há muito a caminhar para a promoção de fato da superação do currículo tradicional.

Ao longo deste estudo propôs-se algumas reflexões a respeito: do Ser, das Emoções, dos Afetos, Tipos de Saberes, Comportamentos, Cultura, Estereótipos, Competição, Feedbacks, Equidade, Objetivos, Conteúdos, Avaliações, Exclusões, Relações de Poder, Interdisciplinaridade, entre outros. Desta forma o estudo destaca a importância de repensar e atualizar continuamente os currículos educacionais, sejam eles

a nível básico ou na formação continuada, pensando também na complexidade da docência e a relevância para garantir que a educação atenda às necessidades e às demandas da constante mudança da sociedade.

E por fim apresento o último quadro de numeração 8 com panorama geral do trabalho com: total de citações utilizadas a partir dos textos apresentados; referências utilizadas a partir das disciplinas cursadas; disciplinas cursadas que foram utilizadas neste trabalho; quantidade de disciplinas cursadas em cada campus e quantidade de disciplinas obrigatórias e eletivas por campus.

Quadro 8 - Panorama Geral do Trabalho

Total de citações utilizadas a partir dos textos apresentados		49
Total de referências utilizadas a partir das disciplinas cursadas		14
Total de disciplinas cursadas que foram utilizadas neste trabalho		11
Quantidade de disciplinas cursadas em cada campus	Esefid - 6	Faced - 5
Quantidade de disciplinas obrigatórias e eletivas por campus	Obrigatórias - 8 (sendo 6 no campus Esefid e 2 no campus Faced)	Eletivas - 3 (sendo estas no campus Faced)

Fonte: Autora

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Transi. **Psicologias**, Uma Introdução ao Estudo de Psicologia, 13ª edição, Ed. Saraiva, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental – Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei no. 9394, de 20 de dezembro de 1996**. (versão atualizada). https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

CAMPOS, Judas Tadeu de. Paulo Freire e as novas tendências da Educação. **Revista e-Curriculum**, PUCSP – SP, Volume 3, número 1, dezembro de 2007.

CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 34, p. 428-431, 2007.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Topázio, 1999.

DARIDO, Suraya. Diferentes concepções sobre o papel da educação física na escola. **Cadernos de Formação: Conteúdos e Didática de Educação Física**, São Paulo, v. 1, p. 34-50, 2012.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança: Volume 1: A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância**. Penso Editora, 2015.

ESCOLARIZANDO o mundo: o último fardo do homem branco. [Título original: *Schooling the world: the white man's last burden*]. Direção: Carol Black. Índia; EUA: Lost people films, 2010. 1 documentário (66 min). Disponível em: <https://youtu.be/1g8_hgeK6-k>.

FONSECA, Denise Grosso da. Educação física no ensino médio: propostas curriculares, prática pedagógica e avaliação. In: BINS, Gabriela Nobre; LOPES, Rodrigo Alberto; DIEHL, Vera Regina Oliveira (orgs.). **Educação Física na escola: entre demandas curriculares e experiências artesanais** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: ESEFID/UFRGS, 2016. p. 145-170, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 19897, 2022.

FROSI, Tiago Oviedo; POZATTI, Mauro Luiz. Práticas corporais integrativas e saúde emocional. **Revista Didática Sistêmica**, v. 13, n. 1, p. 76-92, 2011.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Da infância sem valor à infância de direitos: diferentes construções conceituais de infância ao longo do tempo histórico. In: **VIII Congresso Nacional de Educação-EDUCERE**, 2008.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. AMGH Editora, 2013.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, n. 1, p. 44-45, 2002.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. **Revista Digital-Buenos Aires**, v. 10, n. 71, p. 1, 2004.

LA ROSA, Jorge. Motivação e Aprendizagem. In: LA ROSA, Jorge. **Psicologia e educação**: o significado do aprender. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 169-190.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORES, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**, 10 ed., 7. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Autêntica, 2018.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, p. 156-168, 2003.

NACIONAIS, INTRODUÇÃO AOS PARÂMETROS CURRICULARES. terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. **Brasília: MEC-Secretaria de Educação Fundamental**, 1998.

NEIRA, Marcos Garcia; GRAMORELLI, Lilian Cristina. Embates em torno do conceito de cultura corporal: gênese e transformações. **Pensar a Prática**, v. 20, n. 2, 2017.

NELSEN, Jane. **Disciplina positiva**: O guia clássico para pais e professores que desejam ajudar as crianças a desenvolver autodisciplina, responsabilidade, cooperação e habilidades para resolver problemas. Editora Manole, 2015.

PEREIRA, Eliana Alves et al. A contribuição de John Dewey para a Educação. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 3, n. 1, p. 154-161, 2009.

PERRENOUD, Phillipe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**: perspectivas sociológicas. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2006.

RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim; MARANHE, Elisandra; CAPELLINI, Vera. **Educação especial**: história, etiologia, conceitos e legislação vigente. 2008. v. 30, 2020.

SANTOS, Elisama. **Educação Não Violenta**: Como estimular autoestima, autonomia, autodisciplina e resiliência em você e nas crianças. Editora Paz e Terra, 2019.

SCHLIEMANN, André; ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edison. Educação Física Inclusiva e Autismo: perspectivas de pais, alunos, professores e seus desafios. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 34, n. Esp., p. 77-86, 2020.

SCHON, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antonio. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 78-93.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.

SOUZA NETO, Samuel de; SARTI, Flavia Medeiros; BENITES, Larissa Cerignoni. Entre o ofício de aluno e o habitus de professor: os desafios do estágio supervisionado no processo de iniciação à docência. **Movimento**, v. 22, n. 1, p. 311-324, 2016.

TONIETTO, Marcos Rafael; GARANHANI, Marynelma Camargo. A cultura infantil e a relação com os saberes da Educação Física na escola. **Movimento**, p. 517-528, 2017.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria escolar**. Teoria & educação, v. 6, p. 68-96, 1992.

ZEHTABCHI, Rayka (Direção). **Absorvendo o Tabu**. 2018. Documentário. 26 minutos.

ZEICHNER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores**: ideias e práticas. Lisboa: EDUCA, 1993.

ANEXO 1

Quadro das Disciplinas									
Disciplina	Créditos	Semestre	Ano cursado	Referências	Súmula	Objetivos	Metodologia	Currículo 2017	Currículo Atual
Bases das Práticas Corporais Sistematizadas - ESEFID	4	1º	2017/1	FROSI, Tiago Oviedo; POZATTI, Mauro Luiz. Práticas corporais integrativas e saúde emocional. Revista Didática Sistemica, v. 13, n. 1, p. 76-92, 2011.	Aborda conceitos das práticas corporais sistematizadas (ginástica, jogo motor, práticas corporais expressivas, práticas corporais junto a natureza) a partir dos critérios de lógica interna e externa. Propicia a vivência e a análise das diferentes demandas motoras dessas práticas. Estimula a capacidade reflexiva que envolve o fenômeno da cultura corporal do movimento na perspectiva do campo profissional.	Identificar as diferentes Práticas Corporais Sistematizadas (PCS) no conjunto da cultura corporal de movimento; Contextualizar (elementos básicos) das diferentes PCS; Caracterizar a forma de estudo das PCS com base nos pressupostos das ciências humanas e sociais e dos pressupostos das ciências biodinâmicas; Utilizar conceitos da teoria da ação motriz para leitura/classificação das PCS; Mapear semelhanças e diferenças das PCS de acordo com seus usos e suas características; Reconhecer as demandas motoras e a movimentação corporal correspondentes as PCS em estudo.	As aulas serão, basicamente, expositivas e centradas na participação dos alunos e alunas, tanto na preparação do material solicitado quanto na discussão dos temas em questão. Haverá também a solicitação de trabalhos em grupo sob a forma de seminário, além de pesquisa, planejamento e experimentação das PCS em estudo. No transcorrer do semestre também serão solicitadas resenhas de materiais bibliográficos e relatos das vivências na disciplina.	Obrigatória	Não Encontrada
Estudos Socioculturais I - ESEFID	4	1º	2017/1	RODRIGUES, José Carlos. Tabu do corpo. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2006.	Abordar conceitos básicos sobre natureza, cultura e sociedade, tematizando o corpo e as práticas corporais, na sua relação com esses conceitos. Discute criticamente acerca do corpo e das práticas corporais no contexto da diversidade cultural, problematizando as suas relações com estética, saúde, educação, e Educação Física, considerando diferentes marcadores identitários, tais como: gênero, raça, etnia, classe social, geração, e populações com necessidades especiais. Estimula a reflexão crítica acerca das distintas perspectivas e autores tratados, estabelecendo entre eles: diferenças e semelhanças, continuidades e descontinuidades, contradições e complementaridades. Prevê a possibilidade de realizar até 20% da carga horária em atividades Ensino à Distância (EAD).		A disciplina será desenvolvida numa perspectiva teórico-prática, a partir de procedimentos realizados em sala de aula, assim como da exigência de trabalhos a serem elaborados e apresentados pelos alunos: Aulas expositivas; Leituras dirigidas; Elaboração de trabalhos teóricos; Apresentação de trabalhos em aula; Seminários; Palestras com profissionais convidados; Participação em atividades extra classe (eventuais, de acordo com oportunidades: palestras; vivências; seminários; outras).	Obrigatória	Liberadora - Conhecimento, Ensino e Aprendizagem em Educação Física (2º Semestre), Educação Física, Cultura e Lazer (4º Semestre) e Estudos Histórico-Culturais da Educação Física e do Esporte (1º Semestre)
Sociologia da Educação I - FACED	2	1º	2017/1	ESCOLARIZANDO o mundo: o último fardo do homem branco. [Título original: Schooling the world: the white man's last burden]. Direção: Carol Black. Índia; EUA: Lost people films, 2010. 1 documentário (66 min). Disponível em: < https://youtu.be/1g8_hgeK6-k >.	Estudo sociológico de temáticas relacionadas à educação com ênfase no contexto brasileiro. Orientações teóricas e pesquisa sobre educação.	Problematizar o campo educacional a partir de enfoques sociológicos, relacionando teorias sociológicas e pedagógicas; Investigar as relações existentes entre educação, cultura e escola; Estudar temáticas relacionadas à educação brasileira; Analisar pesquisas produzidas no campo educacional desde diferentes perspectivas teóricas.	Aulas expositivas/dialogadas, seminários, análise de produtos culturais, trabalhos individuais e em grupo.	Obrigatória	Eletiva

Quadro das Disciplinas									
Disciplina	Créditos	Semestre	Ano cursado	Referências	Súmula	Objetivos	Metodologia	Curriculo 2017	Curriculo Atual
Desenvolvimento Motor - ESEFID	4	2º	2017/2	GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. AMGH Editora, 2013.	Aborda a identificação das diferentes fases do desenvolvimento motor ao longo da vida, relacionando-as com a aprendizagem das habilidades motoras. Discute as diferentes práticas interventivas no processo de desenvolvimento humano.	<p>Gerais: Compreender as diferentes etapas do desenvolvimento motor ao longo do ciclo da vida. Compreender as relações entre desenvolvimento motor, cognitivo e social durante o ciclo da vida. Compreender os diferentes fatores que afetam o processo de desenvolvimento motor. Capacitar os profissionais em educação física para a avaliação do desenvolvimento motor e implementação de práticas apropriadas que potencializem o desenvolvimento motor e ou possibilitem remediar de dificuldades motoras já estabelecidas. Conhecer os delineamentos de pesquisas realizadas no desenvolvimento motor e as relações com diferentes campos de atuação profissional. Apropriar-se de técnicas de avaliação do movimento. Específicos: Compreender a interação e inter-relação entre os domínios social, cognitivo e motor, bem como conhecer as definições e importância destes conceitos. Compreender os fatores que afetam o desenvolvimento humano. Compreender como os fatores de crescimento, maturação e envelhecimento ocorrem e suas implicações no desenvolvimento motor. Compreender a estruturação, em uma perspectiva motora, dos movimentos reflexos e voluntários, do desenvolvimento motor fino, e do desenvolvimento dos movimentos de locomoção e manipulação durante a infância. Aprender a avaliar o desenvolvimento motor, bem como a selecionar os instrumentos avaliativos adequados. Planejar e implementar atividades motoras apropriadas na perspectiva do desenvolvimento motor.</p>	<p>Esta disciplina considera os conhecimentos atuais provenientes da teoria e da pesquisa em desenvolvimento motor. Pesquisas, de aplicação prática, conduzidas na área de desenvolvimento motor serão enfatizadas. Para tanto os conteúdos serão desenvolvidos através de situações teórico-práticas promovendo participações em debates e explicações teóricas; organização de sessões de leitura e estudo individual e coletivo; realizações de trabalhos teóricos e práticos, tendo em vista os objetivos descritos. Diferentes dinâmicas de aulas expositivas, trabalhos de grupos e construção de resenhas críticas serão empregadas. Aula teórico-prática sobre programas com práticas apropriadas nas diferentes etapas etárias serão vivenciadas pelo aluno. Atividades EAD serão empregadas em alguns momentos da disciplina. Alunos de mestrado e doutorado em Estágio Docente participaram da disciplina. O conhecimento dos fundamentos teóricos desta disciplina contribui para o desenvolvimento de práticas apropriadas de movimento que levam ao enriquecimento da motricidade, bem como das percepções de competência física, e das habilidades cognitivas e sociais do indivíduo.</p>	Obrigatória	Obrigatória (3º Semestre)

Quadro das Disciplinas									
Disciplina	Créditos	Semestre	Ano cursado	Referências	Síntula	Objetivos	Metodologia	Currículo 2017	Currículo Atual
Estudos Socioculturais II - ESEFID	4	2º	2017/2	DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na escola: questões e reflexões. Topázio, 1999.	Aborda aspectos históricos e socioculturais da Educação Física, do esporte e do lazer. Estuda distintas práticas corporais (esportivas ou não), no contexto da diversidade cultural e na relação com diferentes espaços sociais. Analisa criticamente acerca de aspectos históricos e socioculturais da Educação Física, do esporte e do lazer, na relação com diferentes práticas corporais e da complexidade das dinâmicas sociais. Instiga os estudantes a refletir criticamente e tomar posição acerca das temáticas abordadas e autores tratados, estabelecendo entre eles: diferenças e semelhanças, continuidades e descontinuidades, contradições e complementaridades. Prevê até 20% da carga horária em atividades EAD.	Objetivo Geral: Analisar cenários históricos e socioculturais da educação física e do esporte, considerando a diversidade cultural e os diferentes espaços sociais e instigar a reflexão em torno de questões atuais colocadas pela conexão entre o passado e o presente. Objetivos Específicos: Apresentar o processo histórico e sociocultural de configuração do campo da Educação Física brasileira; Abordar os aspectos históricos e socioculturais da configuração do campo esportivo na relação com a complexidade das dinâmicas sociais; Examinar historicamente as distintas práticas corporais/esportivas, no contexto da diversidade cultural e na relação com diferentes espaços sociais.	Aulas expositivas dialogadas; Exibição e debate sobre documentários e notícias de jornais; Confeção e apresentação oral de artigos e livros; Pesquisa de temas no âmbito da história do esporte e da educação física; Aplicação dos conteúdos históricos e socioculturais em aulas de Educação Física; Vivências de esportes adaptados, esportes paralímpicos e esportes surdos; Exercícios de análise de reportagens de jornais; Utilização do ambiente virtual (plataforma moodle) para postar resumos, imagens das experiências de aula, plano de ensino, dentre outras tarefas solicitadas; Prova com questões objetivas e dissertativas dos conteúdos abordados na disciplina.	Obrigatória	Liberadora - Conhecimento, Ensino e Aprendizagem em Educação Física (2º Semestre), Educação Física, Corpo e Diversidade (4º Semestre), Estágio de Docência em Atividades de Extensão (8º Semestre) e Estudos Socioantropológicos e Educação Física (2º Semestre)
História da Educação: Hist. da Escolarização Bras. e Proc Pedagógicos - FACED	2	2º	2017/2	VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. Teoria & educação, v. 6, p. 68-96, 1992. LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. História das mulheres no Brasil, v. 2, p. 443-481, 1997.	Estudo analítico do processo histórico de escolarização moderna no Brasil, com destaque para as práticas educativas e visões pedagógicas presentes na institucionalização da escola. A educação escolar associada às relações de classe, gênero e etnia enquanto constituintes e constituidoras da produção e reprodução das desigualdades sociais. Investigação das campanhas ou lutas de movimentos sociais em direção à universalização da educação escolar.	Abordar a educação brasileira na diversidade de práticas que constituem as pessoas, individual e coletivamente, destacando especialmente a escola; Estudar o processo histórico da educação brasileira, contextualizando as experiências, os modelos educacionais e as visões pedagógicas produzidos em diferentes períodos e por diferentes grupos sociais; Compreender as práticas escolares na sua diversidade espacial e temporal como constituídas e constituidoras nos/dos contextos histórico-culturais; Reconhecer a diversidade étnico-racial que compõe a educação brasileira, com ênfase nos povos indígenas e afro-descendentes; Identificar as práticas escolares atuais em sua historicidade e pensar possibilidades de outras formas de intervenção pedagógica que considerem também a diversidade étnico-racial; Introduzir noções básicas referentes à construção do conhecimento histórico, abordando metodologias de pesquisa e usos de fontes documentais em história da educação.	Leituras e atividades disponibilizadas no Moodle; Seminários e debates; Exposições dialogadas; Estudo de documentos, entrevistas, filmes, observações e visitas a espaços educativos; Dinâmicas grupais e reflexões individuais (oral e escrita); Realização de trabalho de pesquisa em História da Educação.	Obrigatória	Obrigatória (5º Semestre)

Quadro das Disciplinas									
Disciplina	Créditos	Semestre	Ano cursado	Referências	Súmula	Objetivos	Metodologia	Currículo 2017	Currículo Atual
Mídia e Tecnologias Digitais em Espaços Escolares - FACED	2	-	2018/1	LA ROSA, Jorge. Psicologia e educação: o significado do aprender. Edipucrs, 2001.	Disciplina de caráter teórico-prático que visa estudar os processos pedagógicos da mídia e das tecnologias digitais e suas implicações/relações no que diz respeito ao ensino e aprendizagem escolar.	Os objetivos desta disciplina consistem em: problematizar o uso das mídias e das tecnologias digitais na educação, considerando o exercício da docência num contexto marcado pela multiplicidade cultural, autoria e protagonismo juvenil; permitir aos estudantes das licenciaturas a discussão sobre pesquisa e prática educacional, sob o enfoque do uso dos recursos audiovisuais e digitais nos espaços escolares, visando ao desenvolvimento do pensamento investigativo e à produção de novas possibilidades de articulação entre teoria e prática e desenvolver habilidades para autoria de Objetos Educacionais	Leitura e análise dos textos previamente indicados. Exposições e discussões em aula ou em fóruns de discussão (MOODLE) dos temas da disciplina a partir da leitura dos textos agendados. Será utilizado o MOODLE UFRGS, como ambiente virtual de aprendizagem. No MOODLE serão colocados textos de apoio assim como vídeos explicativos e links para sites correlacionados aos assuntos tratados. Haverá, também, prática em softwares e ferramentas de autoria destinadas à construção de material educativo digital. Será feita uma reflexão em grupo sobre trabalhos elaborados, articulando-os aos textos e teorias vistos no semestre.	Eletiva	Não Encontrada com essa nomenclatura, provável alteração para Mídias, Tecnologias Digitais e Educação: Processos e Métodos da Aprendizagem ainda Eletiva
Intervenção Pedagógica e Necessidades Educativas Especiais	2	-	2018/2	RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim; MARANHE, Elisandra; CAPELLINI, Vera. Educação especial: história, etiologia, conceitos e legislação vigente. 2008. v. 30, 2020.	A disciplina visa à reflexão crítica de questões ético-político-educacionais da ação docente quanto à integração/inclusão escolar de pessoas com necessidades educativas especiais. Analisa a evolução conceitual, na área da educação especial, assim como as mudanças paradigmáticas e as propostas de intervenção. Discute as atuais tendências, considerando a relação entre a prática pedagógica e a pesquisa em âmbito educacional.	Investigar as origens das concepções sobre os sujeitos com necessidades educativas especiais, analisando as influências destas ideias no contexto educacional atual; Desenvolver a análise relativa à inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais no ensino comum: a proximidade educação/educação especial; Análise de experiências educativas que promovam a inclusão escolar.	O cronograma de trabalho será elaborado com os alunos a partir da segunda aula, considerando os seguintes componentes: Aulas expositivo-dialogadas. Leitura e discussão dos textos propostos. Seminários e trabalhos em pequenos grupos a partir da leitura prévia de textos. Análise de filmes relativos à temática. Palestras com convidados que estejam trabalhando com as temáticas em discussão. Atividades autônomas. Atividades no MOODLE ou SAV.	Eletiva	Não Encontrada

Quadro das Disciplinas									
Disciplina	Créditos	Semestre	Ano cursado	Referências	Súmula	Objetivos	Metodologia	Currículo 2017	Currículo Atual
Educação Contemporânea: Currículo, Didática, Planejamento	4	-	2020/2	TADEU, Tomaz. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Autêntica, 2016.	Aborda as relações entre currículo, didática, culturas, subjetividades, identidades e diferença. Discute os diversos movimentos de planejar, ensinar, aprender e avaliar produzidos na Educação. Estimula e realiza experimentações em pesquisa, docência e novas formas de expressão da Educação contemporânea em espaços escolares e não-escolares.	A disciplina visa a: problematizar a escola, o currículo e o exercício da docência como práticas marcadas pela multiplicidade, diferença e heterogeneidade culturais; investigar o ensinar e o aprender, o planejamento e a avaliação, como práticas históricas e socialmente constituídas, que confrontam, disputam e transformam poderes, saberes e identidades; introduzir os estudantes das Licenciaturas na prática da pesquisa educacional, visando o desenvolvimento do pensamento investigativo no trato das questões didático-pedagógicas, bem como a problematização da prática de ensino para a produção de novas possibilidades para o trabalho docente.	O desenvolvimento dos Temas/Conteúdos Programáticos acontece via um aporte metodológico matizado por: Análise conceitual sobre culturas, currículo e docência, relacionados a concepções contemporâneas de currículo, cultura e sociedade, multiculturalismo e práticas culturais em espaços escolares e não-escolares. Discussões e debates em chats e fóruns temáticos relativamente a aspectos que caracterizam a didática, no que se refere a perspectivas históricas, teorizações contemporâneas e implicações da emergência da escola e dos processos de escolarização. Estudo e ressignificação dos processos didáticos. Estudo de ferramentas metodológicas e sua pertinência, adequação e reinvenção no Ensino Fundamental e Médio. Exercícios e experimentações de docência, utilizando estratégias metodológicas estudadas, em intersecção com temas do seu curso e/ou área de formação, por meio de: seminários, trabalhos em grupo, estudo de caso, uso de vídeos e música, modos de utilização possíveis e análise do material utilizado, etc. Problematização das investigações realizadas sobre currículo, didática e planejamento, em face dos desafios contemporâneos da Educação.	Eletiva	Não Encontrada

Quadro das Disciplinas									
Disciplina	Créditos	Semestre	Ano cursado	Referências	Síntese	Objetivos	Metodologia	Curriculo 2017	Curriculo Atual
Fundamentos da Educação Física Especial	4	4º	2021/1	SCHLIEMANN, André; ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edison. Educação Física Inclusiva e Autismo: perspectivas de pais, alunos, professores e seus desafios. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 34, n. Esp., p. 77-86, 2020.	Aborda a inclusão das pessoas com deficiência na Educação Física. Discute as considerações gerais sobre deficiência. Propõe práticas em educação física que considere os direitos e as características das pessoas com deficiência.	Obter conhecimento sobre a Educação Física para as pessoas com deficiência levando em consideração o processo de evolução, leis, políticas públicas, características das deficiências, capacitação profissional, estratégias de ensino e inclusão escolar.	A disciplina utilizará metodologias ativas de aprendizagem, com base na problematização sendo organizada nas seguintes dinâmicas: Fundamentação teórica expositiva (aulas gravadas e transmitidas de forma assíncrona); Estudos dirigidos baseados em artigos, capítulos de livros e/ou filmes indicados; Jogos sensibilizadores (a serem realizados em casa sozinho (a) ou com membros da família); Visitas virtuais aos sites de instituições que desenvolvem trabalhos com a Educação Física inclusiva; Confecção de jogos adaptados para as pessoas com deficiência; Fóruns de debates e/ou reuniões virtuais para esclarecimentos sobre os conteúdos trabalhados na disciplina.	Obrigatória	Obrigatória (3º Semestre) - Fundamentos da Educação Física Inclusiva

Quadro das Disciplinas									
Disciplina	Créditos	Semestre	Ano cursado	Referências	Súmula	Objetivos	Metodologia	Currículo 2017	Currículo Atual
Fundamentos da Educação Física na Educação Infantil	3	4º	2021/1	<p>FURLANETTO, Beatriz Helena. Da infância sem valor à infância de direitos: diferentes construções conceituais de infância ao longo do tempo histórico. In: VIII Congresso Nacional de Educação-EDUCERE. 2008.</p>	<p>Aborda o ensino das habilidades motoras fundamentais, jogos, atividades rítmicas e ginástica no contexto da educação infantil. Estuda a avaliação do crescimento corporal e das capacidades coordenativas. Discute as abordagens pedagógicas que orientam a prática educativa nesse nível de ensino. Propõe a elaboração e aplicação de planos de ensino de educação física em turmas de educação infantil.</p>	<p>A disciplina FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL tem por objetivo geral construir conhecimento sobre os aspectos teórico-metodológicos do processo ensino-aprendizagem de Educação Física na Educação Infantil, através do planejamento, do desenvolvimento e da avaliação de propostas de práticas pedagógicas para trabalhar a cultura corporal de movimento neste nível de ensino. Objetivos específicos: Conhecer e refletir sobre a história da infância, bem como sobre a criança na atualidade. Conhecer as diferentes esferas do desenvolvimento das crianças (bebês e pré-escolares). Compreender os sentidos da Instituição escola na contemporaneidade e as singularidades dos processos de ensino-aprendizagem entre docentes e crianças neste nível de ensino. Compreender e analisar o contexto da Educação Física no cenário da Educação Infantil; Compreender a construção de conhecimento de práticas da cultura corporal de movimento humano: jogos, esportes, atividades rítmicas, ginásticas e lutas no contexto da Educação Infantil; juntamente com as representações sociais vinculadas ao campo da saúde e do lazer nesse contexto. Construir um referencial teórico-prático sobre conteúdos a serem desenvolvidos nos contextos das aulas de Educação Física na Educação Infantil. Elaborar Planos de Aula de Educação Física para turmas no contexto da Educação Infantil que permita identificar a aprendizagem significativa da/sobre a cultura corporal de movimento humano, tratando de abordagens teóricas, pedagógicas, metodológicas e avaliativas para a Educação Física nesse nível de ensino.</p>	<p>A disciplina será desenvolvida através da realização de atividades assíncronas no AVA Moodle. Serão propostas atividades diversificadas (leituras de textos, produção de resenhas, preenchimento de questionários, análise de vídeos, fóruns, entre outras) com o objetivo de promover o engajamento dos estudantes na realização das atividades. As atividades avaliativas serão realizadas no decorrer do semestre. Advertimos aos(as) discentes, docentes, responsáveis e supervisoras(es) e demais pessoas que tenham acesso às aulas e a qualquer tipo de material dela decorrente, que é proibido fotografar, gravar, registrar, compartilhar ou divulgar, por qualquer outro meio, a imagem ou a voz ou conteúdo autoral do(a) professor(a), evitando-se o uso indevido de seus direitos da personalidade e/ou autorais.</p>	Obrigatória	Obrigatória - 5º Semestre
				<p>TONIETTO, Marcos Rafael; GARANHANI, Marynelma Camargo. A cultura infantil e a relação com os saberes da Educação Física na escola. Movimento, p. 517-528, 2017.</p>					
				<p>NELSEN, Jane. Disciplina positiva: O guia clássico para pais e professores que desejam ajudar as crianças a desenvolver autodisciplina, responsabilidade, cooperação e habilidades para resolver problemas. Editora Manole, 2015.</p>					